

**MUSEU DA VIDA | CASA DE OSWALDO CRUZ | FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DA CIÊNCIA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

FUNDAÇÃO CECIERJ

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, DA
TECNOLOGIA E DA SAÚDE**

HENRIQUE ELDINIAS DE CARVALHO

LOUCURA NO CINEMA E NO JORNAL

**OLHAR DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COM ANÁLISE FÍLMICA E DE REPERCUSSÃO
DO DOCUMENTÁRIO *ESTAMIRA* NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA**

RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 2010

ORIENTADORA: Pra. Dra. ALDA HEIZER

**LOUCURA NO CINEMA E NO JORNAL
OILHAR DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COM
ANÁLISE FÍLMICA E DE REPERCUSSÃO DO
DOCUMENTÁRIO *ESTAMIRA* NA MÍDIA
IMPRESSA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao Museu da Vida |
Casa De Oswaldo Cruz | Fundação Oswaldo
Cruz, para a obtenção do título de especialista
em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da
Saúde

Orientadora: Prof. Dra. Alda Heizer

RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço a coordenação, secretaria e a todos os docentes do curso de divulgação científica. Obrigado pela oportunidade. Também agradeço aos novos colegas de sala de aula por compartilharem conhecimentos tão preciosos.

À professora Alda, em especial, obrigado pela compreensão infinita.

No Amor tudo é mistério: suas flechas e sua aljava, sua chama e sua infância eterna.

Mas por que o amor é cego?

Aconteceu que num certo dia o Amor e a Loucura brincavam juntos. Aquele ainda não era cego. Surgiu entre eles um desentendimento qualquer. Pretendeu então o Amor que se reunisse para tratar do assunto o conselho dos deuses. Mas a Loucura, impaciente, deu-lhe uma pancada tão violenta que lhe privou da visão.

[...]

Depois de estudar detalhadamente o caso, a sentença do supremo tribunal celeste consistiu em condenar a Loucura a servir de guia ao Amor.

(Jean De La Fontaine)

RESUMO

Esta pesquisa analisa como a imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo repercutiu acerca do documentário *Estamira* (Marcos Prado, 2006). Também trabalha com uma decomposição fílmica para alcançar formações discursivas sobre os elementos dos *corpus* de análise. Os jornais diários *O Globo* e *Folha de São Paulo* foram escolhidos para análise por sua influência que, atualmente, possuem no jornalismo brasileiro. Nesta amostra, coletada no período entre julho de 2004 até julho de 2007, todos os textos referentes ao documentário – um total de 18 - foram reunidos e analisados para esta monografia. Entre os resultados, os que ganharam mais evidência: foram os fatores estressantes na história de vida de Estamira como possível causa de seus distúrbios mentais, os sintomas da doença mental e sucessivas tentativas de diagnóstico por parte dos jornais. O documentário se mostra mais comprometido com informações de utilidade pública, de divulgação científica, que os jornais diários analisados.

Palavras-chave: cinema brasileiro; divulgação científica; comunicação e saúde; psiquiatria; cultura e ciência.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: quantitativo de matérias por jornal, de julho de 2004 a julho de 2007;

Tabela 02: Folha de São Paulo (julho/2004 a julho/2007);

Tabela 03: O Globo (julho/2004 a julho/2007).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

PMC – Prefeitura Municipal de Criciúma

CID 10 – Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento

DSM-III – Dicionário das Doenças Mentais

GLOSSÁRIO

- **Componentes do plano: lugar da câmera com relação ao objeto filmado**

Plano geral: paisagem;

Plano médio: homem em pé;

Plano americano: acima do joelho;

Plano próximo: cintura, busto;

Primeiríssimo plano: rosto;

Plano detalhe: pormenor, *insert*.

- **Tipos de relações entre imagem e som:**

Som *in*: a fonte do som é visível na tela;

Som *fora de campo*: a fonte do som não é visível na imagem, mas pode ser situada imaginariamente no espaço tempo da ficção mostrada; som diegético;

Som *off*: emana de uma fonte invisível situada num outro espaço-tempo que não o representado na tela.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MATERIAIS E MÉTODOS	13
3. SEMIOLOGIAS, PSIQUIATRIA E A RETOMADA DO CINEMA BRASILEIRO..	15
4. ELEMENTOS PARA ANÁLISE DO FILME <i>ESTAMIRA</i> (PRADO, 2006)	19
5. A REPERCUSSÃO DO FILME <i>ESTAMIRA</i> NOS DIÁRIOS <i>O GLOBO</i> E “<i>FOLHA DE SÃO PAULO: CIÊNCIA E/OU CULTURA?</i>	30
5.1. O tratamento dado ao documentário <i>Estamira</i> no jornal <i>Folha de São Paulo</i>	31
5.1.1. Loucura.....	32
5.1.2. Delírio	36
5.1.3. Esquizofrenia	38
5.2. <i>Estamira</i> no jornal <i>O Globo</i>	40
5.2.1. Esquizofrenia	42
5.2.2. Loucura.....	48
5.2.3. Delírio	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	57

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta uma análise das representações da saúde mental e suas projeções no contexto de uma cultura de massa, especificamente no cinema com o documentário *Estamira* (Prado, 2006) e em dois jornais diários, *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Ou seja: a partir do discurso formado pelo filme e por todas as reportagens sobre *Estamira* nos dois jornais, as análises mostram o quanto e como a repercussão desta película pode, de alguma forma, ser válida como divulgação de ciência, especialmente como popularização de saúde mental.

Chama-se a atenção nesta pesquisa como a imagem da loucura é caracterizada no espaço midiático, especialmente, aqui, no cinema e na mídia impressa. A partir deste pressuposto, indicou-se que estas mídias são responsáveis pela construção de estereótipos, de um lugar-comum, sobre o louco e a loucura. No entanto, estas mesmas mídias podem funcionar como vetores de informações racionais e comprometidas com as políticas de saúde.

Foi então a partir de uma decomposição do documentário escolhido, capítulo por capítulo do filme, que se avaliaram os “pormenores”, as informações “negligenciáveis” (Ginzburg, 1989). A análise fílmica proporcionou identificar as recorrências de temas da loucura, agrupá-las e, finalmente, por meio da linguagem do filme, compor um discurso que predominou nas técnicas de filmagem, nas falas dos “personagens” e nos cenários. O que pôde ser aproveitado como educação científica em saúde foi a prevalência dos agentes psicossociais, os sintomas dos distúrbios e a hereditariedade como causas de transtornos mentais.

O item 5 corresponde a uma análise de todos os textos referentes ao documentário *Estamira*, publicados nas editorias de cultura dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Entre críticas, reportagens e notas, 18 textos fizeram parte do corpus textual. Nesta seção da monografia, além de análise descritiva, trabalharam-se alguns dados quantitativamente. Sempre que necessário, algumas informações específicas sobre psiquiatria e sua história foram inseridas nas descrições como ilustrações e exemplos. Na parte descritiva das matérias o que fica mais implícito é a tentativa de diagnosticar uma doença e inúmeras descrições de delírios e alucinações da “protagonista”. Nas tabelas há informações do quantitativo para cada jornal e o que predomina em temas (palavras-chave) da Psiquiatria.

Existem alguns estudos no Brasil que tangenciam psiquiatria e cinema. Porém não foi encontrado nenhum trabalho com o nível de pós-graduação que contenha análise de discurso com intenção de analisar ou medir conteúdo de mídias na área de Comunicação Social, especialmente no jornalismo. Existem dois estudos introdutórios como artigos que identificam psicopatologias no cinema brasileiro e estrangeiro. Estes estão disponíveis na *Revista de Psiquiatria Clínica* (RPC) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e seu propósito foi de identificações de doenças psiquiátricas no cinema nacional para, numa segunda etapa, utilizá-las nos cursos de medicina. Há uma tese de mestrado no curso de Psicologia da Universidade de Brasília sobre Estamira. Este trabalho tem uma abordagem semiológica dos sintomas em psicologia. Por fim, outro trabalho que relaciona psiquiatria e cinema foi encontrado no curso de especialização Lato Senso em saúde mental sob a responsabilidade do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Este trabalho teve como caso de estudo o filme *Bicho de sete cabeças* (Laís Bodanzky, 2000) e seu principal objetivo foi fazer um estudo sobre as representações da saúde mental no contexto da cultura de massa, focalizando o cinema.

Sinopse do documentário

Estamira é a história de uma mulher de 63 anos que sofre de distúrbios mentais e que durante 20 anos viveu e trabalhou no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, Rio de Janeiro. Carismática e maternal, Dona Estamira convive com um pequeno grupo de catadores idosos num local renegado pela sociedade, que recebe diariamente mais de oito mil toneladas de lixo por dia.

Dona Estamira levanta questões de interesse global, como o destino do lixo produzido pelos habitantes de uma metrópole e os subterfúgios que a mente humana para superar uma realidade insuportável de ser vivida. Dona Estamira vive em função de sua missão: “revelar e cobrar a verdade dos homens”. Do lixo da civilização, ela supera sua condição miserável e coloca em questão valores fundamentais, muitas vezes esquecidos pela sociedade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizou-se como *corpus* de análise os jornais diários *O Globo*, do Rio de Janeiro e a *Folha de São Paulo*, de São Paulo. A escolha destes dois veículos para composição do processo de discurso deve-se ao lugar que estes ocupam no jornalismo brasileiro, em especial pelas relações estabelecidas com a intelectualidade e pelo papel que, em épocas sucessivas, seus cadernos de ciência e cultura tiveram no quadro geral do pensamento nacional. Outro motivo da escolha destes jornais foi pela ampla tiragem em suas cidades: *O Globo* com 255 mil por dia e a *Folha de São Paulo* com 313 mil. (Cf. Massarani e Buys, 2007)

O documentário entrou em cartaz no Rio de Janeiro e São Paulo, ficando ausente em outros estados. Por este motivo também foram escolhidos os dois jornais citados. Destes dois estados, *O Globo* e a *Folha* são diários de maior influência para o público consumidor de cinema por sua distribuição e direção de vendas para público intelectualizado.

De julho de 2004 a julho de 2007 foram coletados todos os textos que continham a palavra “Estamira” publicados nos cadernos de cultura do *corpus* selecionado. Optou-se por esta data inicial (2004), pelo fato do filme participar do festival de Cinema do Rio de Janeiro, em setembro de 2004. Desde esta data o filme começou a repercutir na imprensa. Em 28 de julho de 2006, o documentário estreou no circuito de cinemas do Rio de Janeiro e São Paulo tendo presença nos jornais até 2007, ano de lançamento da película em formato de DVD.

Nos textos que continham a palavra “Estamira”, portanto textos que faziam relação ao documentário, foram selecionadas as palavras-chave da especialidade médica Psiquiatria. Com esta seleção foram criadas tabelas para análise e comparação de dados. Destas tabelas a pesquisa utilizou para análise de conteúdo e discurso as três palavras que obtiveram mais ocorrências em cada jornal. Optou-se pela descrição de cada caso das palavras-chave e quando possível fez-se a decomposição do sentido empregado nestas palavras. Levou-se em consideração os sentidos que faziam jus a cientificidade e a divulgação de informações de saúde mental.

Como um dos sujeitos do objeto de análise é um documentário (uma produção cultural), conseqüentemente este teve espaço nos cadernos de cultura dos diários. Porém *Estamira* (Marcos Prado, 2006) conta a história de uma senhora com

distúrbios psicóticos (leia resumo do filme no capítulo 1), o que deu espaço para temas de psiquiatria na imprensa. Tratando-se de uma área de ciência médica em conjunto a técnica e a estética cinematográfica, esta pesquisa considera este cenário escolhido de cinema, ciência e jornalismo sujeitos do processo de formação discursiva. “Tudo vai contribuir para a constituição das condições em que o discurso produz e portanto para seu processo de significação.”(Orlandi, 2000, p. 42)

3. SEMIOLOGIAS, PSIQUIATRIA E A RETOMADA¹ DO CINEMA BRASILEIRO

Desde a Retomada, o cinema brasileiro vem sendo marcado com a utilização de imagens que representam a exclusão social do Brasil. Lugares estabelecidos como periféricos são empregados como cenário e a população que habita essa margem também é, frequentemente, tema das narrativas cinematográficas. (SILVA NETO, 2002.)

Um estudo introdutório publicado na *Revista de Psiquiatria Clínica* da Faculdade de Medicina na Universidade de São Paulo, em 2005, identificou e classificou 27 filmes nacionais que contêm cenas representando psicopatologias. O intervalo de tempo equivale ao começo da Retomada (1994) até 2004. (MAIA; CASTILHO; MAIA e NETO, 2005, vol. 32, n. 6, p. 319-323) Nos filmes identificados neste artigo há representações da demência em *Carlota Joaquina, princesa do Brasil* (1994); uso/abuso de drogas em *Bicho de sete cabeças* (2000); Claustrofobia e pânico em *A partilha* (2001); surto psicótico em *Durval Discos* (2002); homossexualismo e abuso de drogas em *Madame Satã* (2002), depressão em *O outro lado da rua* (2004). Depois de 2004 outros filmes e documentários foram lançados, porém com a temática da Psiquiatria um pouco mais acentuada. O caso de Moacir – arte bruta de Walter de Carvalho (2006), um documentário que conta a história de um de um artista plástico analfabeto que vive num povoado isolado no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Outro filme produzido em 2006 foi *Santiago* do diretor João Moreira Salles, conta a história da vida de um mordomo sensível as artes que trabalhava para família Moreira Salles. Mais outro exemplo é o documentário *Estamira* (Marcos Prado, 2006), analisado nesta monografia, que narra a história de uma senhora de 63 anos que vive de catar restos recicláveis num aterro sanitário do Rio de Janeiro.

No plano da cultura contemporânea brasileira, estes filmes que colocam lugares e pessoas da periferia no meio da cena, têm influência no que diz respeito à construção de saber sobre saúde mental. Assim como influencia todos e qualquer saber. O mercado cinematográfico começa a evidenciar o papel do louco no meio social, no mesmo tempo em que as regras da Psiquiatria se invertem no âmbito de políticas públicas e na prática clínica. Antes da Retomada o cinema nacional

¹ A partir de 1995, começa-se a falar numa "retomada" do cinema brasileiro. Novos mecanismos de apoio à produção, baseados em incentivos fiscais e numa visão neo-liberal de "cultura de mercado", conseguem efetivamente aumentar o número de filmes realizados e levar o cinema brasileiro de volta à cena mundial. (SILVA NETO, A.L. - Dicionário de Filmes Brasileiros. São Paulo, Futuro Mundo, 2002.)

produziu muita coisa que mostrava a situação insuportável dos hospícios. Nesta época, década de 70/80, o louco era retratado dentro dos manicômios. Há cineastas que representaram este tempo como Julio Bressane, Nelson Pereira dos Santos e Sérgio Jockman. Da Retomada até os tempos atuais, o filmes que retratam a loucura colocam as psicopatologias fora dos manicômios. Pode se dizer que o louco da Retomada está institucionalizado conforme a Reforma² Psiquiátrica, inserido diretamente no corpo social.

Para encontrar a presença de patologia da psiquiatria, especificamente os sintomas, é necessário criar laços estreitos com a literatura sobre semiologia em medicina. Semiologia é a ciência geral dos signos, segundo Ferdinand de Saussure, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos, são os sistemas de significação e tem por objeto descrever sinais e sintomas por meio de sistemas de signos como indícios, imagens, gestos, vestuários, ritos, etc. (BARTHES, 2006) Em medicina, a semiótica descreve comportamentos sociais e alterações orgânicas, os sintomas das doenças.

Carlo Ginzburg, historiador italiano, fez uma análise acerca do paradigma indiciário que surgiu por volta do fim do século XIX. Trata-se de um método que utiliza exames (observações) detalhados dos pequenos gestos inconscientes que revelam o caráter mais do que qualquer atitude formal. Ou seja, uma técnica que utiliza a percepção de signos - semiótica. Tal método começou a ser desenvolvido por um crítico e historiador de artes plásticas, o italiano Giovanni Morelli (1891), para atribuir aos verdadeiros autores as obras perdidas ou diferenciar cópias de trabalhos verdadeiros. O “método morelliano” consiste em “examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia, [...]” (Ginsburg, 1989, p. 144).

Interessante que Ginzburg, para ilustrar e sustentar sua análise, usou como exemplo de três médicos que estariam desenvolvendo importantes trabalhos no mesmo espírito de época, mas em áreas diferentes. Freud, Morelli e Conan Doyle. Os três desenvolveram técnicas, em distintas áreas, baseados no método de indiciário, o método dos pormenores. Na biblioteca de Freud, conservada em Londres, há um exemplar do livro de Giovanni Morelli, *Da pintura italiana. Estudos*

² Reforma Psiquiátrica, definida pela Lei 10216 de 2001 (Lei Paulo Delgado) como diretriz de reformulação do modelo de Atenção à Saúde Mental, transferido o foco do tratamento que se concentrava na instituição hospitalar, para uma Rede de Atenção Psicossocial, estruturada em unidades de serviços comunitários e abertos.

históricos críticos. As galerias Borghese e Doaria Pamphlini em Roma, 1897. Mas o que representaria para um jovem Freud, que ainda estava distante de desenvolver seus métodos de psicanálise, significaria a leitura dos ensaios de Morelli? “... a proposta de um método interpretativo centrado sobre resíduos, sobre dados marginais, considerados relevantes.” (idem, p. 149) No ensaio *O Moisés de Michelangelo* (1914), Freud cita o método indiciário de Morelli como estreitamente próximo a técnica da psicanálise.

Conan Doyle (1859-1930), escritor e médico, aproximou-se ao método indiciário de Morelli na literatura, com a criação do detetive Sherlock Holmes. Doyle, que havia sido médico antes de se dedicar a literatura, cria o personagem baseado no conhecedor de artes que era Morelli. Holmes, um detetive que se apoiava em indícios imperceptíveis para maioria para desvendar crimes. “Os exemplos de perspicácia de Holmes ao interpretar pegadas na lama, cinzas de cigarro etc, são, como se sabe, incontáveis.” (idem, p. 145) A dupla Holmes e Watson, “o detetive agudíssimo e o médico obtuso” foi inspirada por uma figura real: um professor de Doyle, famoso pela sua capacidade diagnóstica.

Não se trata apenas de coincidências biográficas, o historiador Carlo Ginsburg, que escreveu esta análise usando como ilustração a tríade (Morelli-Freud-Doyle), afirma que em fins do século XIX, este paradigma baseado em interpretações de dados secundários, começou a se firmar nas ciências humanas justamente por conta da semiótica médica. Sua análise concluiu que desde a primeira etapa da modernidade (fins do século XVIII) o paradigma indiciário começou a se espalhar nas ciências como a física, medicina e psicologia; por parte do poder estatal, o método passou a ser utilizado no controle social, na identificação individual do homem como elemento do campo político; e por fim, como já descrito, muito utilizado também nas artes como a pintura e a literatura, para identificar obras perdidas no tempo ou não assinadas e cópias fraudulentárias.

Este modelo epistemológico (ou paradigma) teve alguns adjetivos para diferentes áreas da ciência: “venatório, divinatório, indiciário e semiótico”. Segundo Ginzburg, o modelo passou a ser articulado em diferentes disciplinas, “muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave.”

“Ora, entre os séculos XVIII e XIX, com o aparecimento das ‘ciências humanas’, a constelação das disciplinas indiciárias modifica-se profundamente: aparecem novos

astros destinados a um rápido crepúsculo, como a frenologia³, ou a um grande destino, como a paleontologia, mas sobretudo afirma-se, pelo seu prestígio epistemológico e social, a medicina.” (idem, p. 170)

Para interpretar semiologicamente os sintomas de patologias da psiquiatria, focalizando o cinema nacional e a mídia impressa nos jornais diários – veículos incluídos nas ferramentas de divulgação de ciência –, esta monografia utilizou, basicamente, a concepção de interpretação por sintomas e informações “negligenciáveis” discutida na análise de Ginzburg. Além deste suporte teórico, utilizou-se igualmente o artigo *Psicopatologia no cinema brasileiro: um estudo introdutório*, publicado na *Revista de Psiquiatria Clínica* com o objetivo de identificar e classificar as patologias no filme *Estamira*.

Nos próximos capítulos estão as análises fílmica e de textos publicados em jornais diários.

³ Teoria que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas, baseando-se na conformação do crânio; frenologismo.

4. ELEMENTOS PARA ANÁLISE DO FILME *ESTAMIRA* (PRADO, 2006)

A câmera trêmula, caminhando na direção de um barraco. Na tela cinza é possível ver os grânulos simulados por um filtro digital. Habitação simples, construção com materiais de origem diversa, local adaptado. Chão de terra batida, uma garrafa de vidro inutilizada, uma panela cheia d'água e dentro uma lagartixa que bóia, a chaleira antiga, uma navalha sem fio e enferrujada, um olhar magoado da cadela mãe. A música é uma espécie de berimbau renitente, de timbre ferroso. Há uma voz ao fundo, cantando um mantra árabe. Dentro do barraco, o vulto anda de um lado, aparece do outro, reconhece-se uma senhora de cabelos um pouco longo. É dona Estamira. 63 anos, portadora de distúrbios mentais, moradora de Campo Grande, bairro simples da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Seu trabalho é catar os restos no lixo produzido pela civilização. Nas palavras dela, sua missão é “revelar e cobrar a verdade dos homens”.

Como a maioria dos brasileiros, dona Estamira fecha a porta de sua “casa” e caminha em direção ao ponto de ônibus, espera, faz sinal, entra na lotação e viaja até seu local de trabalho. Dentro da condução, a câmera mostra em primeiríssimo plano os olhos brilhantes e a pele enrugada, marcas do tempo e de sofrimento. Depois da viagem de ônibus, ela ainda faz a pé um bom pedaço de chão até o exato local onde vai garimpar o sustento.

No Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, o local onde são despejadas mais de oito mil toneladas de lixo por dia, Estamira veste sua roupa de trabalho (como um uniforme de guerra). Primeiro um par de calças velhas por cima de uma bermuda, depois uma camisa de botão por cima de outra camiseta e, por fim, calça uma meia na cabeça. Está pronta para batalha.

É a partir deste momento (00:05:30) o documentário começa a sair do preto e branco granulado e trêmulo para imagens em cores de câmera fixa. O cenário é insuportável. No meio de uma tempestade de ventos circula a poeira, sacolas de plástico, folhas de madeira, caixas de papelão e urubus. Na seqüência, no centro da cena, está dona Estamira e alguns companheiros de trabalho. Organizam de alguma forma o que cataram. Separam o que é de proveito em sacos e caixas.

“A minha missão, além de eu ser Estamira, é revelar a verdade somente a verdade.” (00:05:55) É a partir deste tempo de filme que Estamira começa

manifestar seus delírios. Com um discurso de que algo superior estaria conseguindo dominar o mundo e os homens que nele habitam, ela anuncia sua pretensa superioridade em relação aos “homens comuns”. “Ensinar a mostrar o que eles não sabem, os inocentes. Não tem mais inocente, tem esperto ao contrário.” O que está presente na fala de Estamira é o desejo de acabar com a injustiça. Em meio ao aterro sanitário ela declama frases proféticas, sentenças de que ela seria a responsável por uma revelação da verdade que salva o homem. Além de registrar um ambiente degradante, a câmera também capta imagens de por do sol com montanhas ao fundo. A noite são as labaredas produzidas por um gás inflamável originado pelo acúmulo e putrefação do lixo, que fazem um efeito de contraste com negro da noite.

As imagens voltam ao preto e branco de forte granulado em 00:10:00, quando carretas em série despejam toneladas de lixo no terreno do aterro. E como uma indústria em produção, tratores espalham e compactam o bolo. Logo atrás, dezenas de pessoas com sacos nas costas, em sua maioria jovens, escalam as montanhas do lixo que acabaram de chegar da cidade a procura de algo reciclável como papel, plástico, metais e até comida. Enquanto tomadas de câmera variadas (plano geral, primeiro e primeiríssimos planos) se revezam para narrar o ambiente caótico, pessoas, agora em centenas, garimpam e disputam espaço com garças e urubus. Paralelamente, em som *fora de campo* (fonte do som não é visível na imagem, mas pode ser identificada imaginariamente no espaço-tempo das imagens mostradas), Estamira fala sobre problemas sócio-ambientais, como o destino e aproveitamento do lixo. Critica o homem por não saber utilizar e reaproveitar os recursos que ele mesmo inventa. Ao mesmo tempo coloca questões de humilhação, traição e ajuda ao próximo. Estamira também fala sobre economia no sentido de poupar coisas, enfatiza que as pessoas devem prestar atenção no que elas usam e no que elas têm, porque ficar sem recursos é que se chama de miséria. No discurso de dona Estamira é possível encontrar valores intactos pelos delírios. Valores e deveres que a sociedade civilizada adota, porém não assume e muitas vezes não cumpre. Estamira expressa valores universais em poucas palavras. Palavras precisas, discurso minimalista⁴.

⁴ Diz-se do discurso que utiliza, em sua elaboração, um reduzido número de temas ou elementos, valorizados por sua repetição com pequenas alterações, ou isolamento contextual. Consegue dizer muito com poucas palavras.

As imagens são de pessoas catando e separando, entre elas está a “protagonista”, o conteúdo do discurso é de valores simples, mas que interage com a narrativa e dá um sentido desconfortante. A exemplo de Estamira com seu saco de catar nas costas, junto a dezenas de outras pessoas fazendo a mesma coisa, e o som fora de campo na voz de dela mesma diz que se “eu me desencarnar”, ela tem a impressão de que será muito feliz e talvez poderia ajudar alguém, porque seu prazer sempre foi ajudar alguém. E mais: diz que trabalha no aterro há 20 anos e que adora o que faz, adora trabalhar no lixão. Fica claro que a direção do documentário, ou sua montagem, interagiu imagens insuportáveis e quase inimagináveis a sociedade com o discurso de valores e regras totalmente possíveis mesmo dentro de um ambiente catastrófico. Esse efeito de supercontraste (da interação de imagens com discurso de valores) causa desconforto ao espectador. Depois deste efeito inicia uma tempestade vento, na mesma sequência. (00:16:20)

Na sequência seguinte o som fora de campo (a voz de Estamira) inicia fala com o tema de morte. A câmera mostra um cadáver de uma mulher descoberto no meio do lixo, no mesmo local onde as pessoas catam os restos. A cena mostra o corpo como mais um objeto jogado fora do mesmo jeito como se descarta uma caixa inútil, um colchão velho ou guarda-sol quebrado. Outra tomada mostra urubus e garças disputando um pedaço de carne, numa briga violenta. Junto a essas imagens a voz de Estamira fala de morte com elementos esotéricos. Em meio a delírios ela diz que as pessoas depois que morrem ficam transparentes, mas que ela consegue ver, e que os espíritos ficam ao seu lado, principalmente de pessoas próximas como amigos e parentes.

Em 00:18:30 Estamira dentro de sua casa, bairro de Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, filmada em plano próximo (cintura, busto) alternando com primeiríssimos planos. O som é *in* (fonte do som visível na tela). Está sentada em uma poltrona para traçar um perfil de si. As unhas estão pintadas de vermelho, ela usa corrente dourada no braço esquerdo e anéis. Fala a data de seu nascimento e de como nasceu. Porém seu discurso é dissociado, delírios tomam a frente de sua organização psíquica e é possível perceber nestas cenas alucinações auditivas. Há publicação de pensamentos aleatórios e a presença de neologismos. Nesta sequência Estamira fala sobre a morte de seu pai, mostra emoções ao falar da perda dele, sente saudades. Em seguida, misturando com delírios, faz comentários sobre sua mãe, que também sofria de distúrbios mentais. É nesta sequência

também que ela fala do corpo humano associando-o a um “controle remoto”. Fala como se o corpo do homem pudesse ser controlado pelos cientistas e faz associações desconexas.

Natal de 2000. As imagens voltam ao aterro sanitário. Dona Estamira está arrumando o que catou em volta de dezenas de sacos cheios de garrafas pet. Reclama de dores perto das costelas e na cabeça. Começa a definir o que seria o Natal para ela, sua voz está *fora de campo*: “Tudo que nasce é Natal e ainda mais essa confusão misturado com o sofrimento de Jesus. Eu não tenho nada contra o homem que nasceu, entendeu. Pra eles o que era bom era o Deus, depois eu revelei quem é Deus, porque eu posso felizmente, sem reprovação, sem repugnância...”. Enquanto a “personagem” define o que é o Natal para ela, numa confusão de pensamentos com relação de Deus, a câmera capta o momento de um mutirão de catadores, entre eles Estamira, com sacos dependurados nas costas fazendo o garimpo e disputando espaços entre si e com urubus. Na sequência seguinte nuvens escuras, raios, relâmpagos, ventos e trovões anunciam a chega de outra tempestade. Planos gerais fazem belas definições do céu que parece prestes a cair por inteiro no aterro e nas cabeças dos catadores. O vento forte carrega tudo que é leve para mesma direção. Apesar das cenas serem assustadoras, são belas e bem filmadas. A sensação de espectador é que para onde se aponta a câmera naquele local, a composição será boa. É nesta sequência também que a fala de Estamira começa se apresentar eufórica. A partir do momento em que se fala de religião, Estamira apresenta sentimentos de raiva e incompreensão sobre crenças cristãs e demonstra também conflitos, que parecem até pessoais, com a figura de Jesus Cristo. Ao fim desta sequência, a chuva forte passa, o “clima” no documentário ameniza e a direção do filme combina tal calmaria quando a fala de dona Estamira sai de eufórica para calma.

Depois de uma tempestade na natureza e em Estamira, chega o amanhecer no lixão. A “protagonista” está tomada por sentimento de ira e raiva. Não consegue aceitar as injustiças da sociedade civilizada, não aceita “tanta hipocrisia”, “tanta mentira”, “tanta perversidade”. A câmera sai de um plano médio e vai para um plano próximo onde Estamira está com o rosto desfigurado, seus traços estão irreconhecíveis, sua raiva parece incontrolável. Utiliza alguns neologismos, palavras irreconhecíveis, delírios de grandeza e se mostra inconformada com as “doutrinas erradas, trocadas” da sociedade.

Num corte, entra um novo “personagem” em cena. Um senhor que aparenta ter mais de 50 anos, vive no aterro. Tipo físico magro, pele branca, usa bigode cavanhaque compridos e já grisalhos. Tira seu sustento catando material reciclável no lixão. Declara não ter moradia a não ser ali na “rampa”, local que se refere ao aterro. Tem convivência harmoniosa com Estamira, trabalham juntos. Comanda uma matilha de aparentemente 15 cães. Tem a preocupação de alimentá-los, dá ordem que os cachorros obedecem e nomeia cada um deles. Este homem, ainda não identificado no filme, demonstra discurso apoucado.

Outro corte vai para uma área curiosa do aterro. São pequenas lagoas formadas pela chuva e a decomposição do lixo orgânico. O gás metano é produzido pelo apodrecimento deste lixo, que fica embaixo das pequenas lagoas. Então os gases não se misturam a água, produzindo pequenas bolhas nas lagoas. Estas, por sua vez, produzem um som, como um chiado agudo. Estamira para em frente a este fenômeno e explica como ele acontece. Esteticamente as imagens são belas, pois água tem um tom azulado que se mistura com o reflexo das luzes do céu.

Aos 00:35:20 a câmera volta a Campo Grande, na casa de Estamira, onde estão presentes seus filhos mais velhos, Carolina e Hernani, e a própria Estamira. Eles discutem sobre problemas de família, sobre internação e tratamento psiquiátrico e religião. As tomadas se alternam de acordo com a palavra de cada um. O plano é entre próximo (busto) e primeiríssimo (rosto). Carolina fala com nostalgia lembrando de seu pai. Ao mesmo tempo em que relembra a vida boa que tinham quando o pai era vivo – “era uma vida de verdade” – ela também fala de judiações, sofrimentos decorrentes do temperamento agressivo do pai e infidelidade no casamento. Estamira corta o assunto com um tema recorrente em seu discurso. Ela tem um descrédito, que parece traumático, quando o tema é religião. Se alguém fala de Deus ou Jesus Cristo, Estamira tem crises de raiva, euforia e delírios de grandeza. Este último é recorrente quando ela se compara a figura de Jesus e diz ser superior a ele.

Diferente de Carolina, Hernani, o filho mais velho, é favor da internação de Estamira em um hospital psiquiátrico, caso fosse necessário como foi no passado. Afirma que o que ela tem é “problema de sistema nervoso”. Carolina não aceita. Prefere a situação “como está” a ter que mantê-la “amarrada” e “dopada”. Na cena é visível aproximação afetiva maior entre mãe e filha. Hernani, angustiado, dá sinais de preferir ficar calado a falar o que pensa e o que está sentindo. A religião deixa

marcas no comportamento e no discurso do rapaz, apesar de ele demonstrar desconhecimento entre as denominações evangélicas.

Entra uma nova sequência com um tom mais documentarista, onde são mostradas fotos antigas da família antes da morte de Leopoldo Fontanive, marido de Estamira. Mostra-se também uma carteira de trabalho do falecido, com um registro de emprego. A data deste documento não é visível, mas lá estão dados como o nascimento na Itália, estado civil, nome de pai e mãe e beneficiários. O som fora de campo é de Carolina narrando a felicidade da família no começo, bem como “desgraças”: traição e violência conjugal.

De volta ao lixão, os catadores estão em seus acampamentos, entre sacos plásticos gigantes, a espera dos compradores do material recolhido. É perceptível que Estamira está sempre no mesmo grupo. Nesta sequência (00:41:00) mostra a relação entre essas pessoas. Há demonstração de carinho e afeto entre eles, divisão de água limpa para beber (o calor é arrebatador) e até declarações de amor com direito a sedução. O clima entre os catadores é descontraído. Como se fosse uma preocupação constante da direção do filme, o contraste entre o espaço insuportável e valores aparentemente impossíveis naquele local é uma ferramenta narrativa utilizada para dramatizar – quase sempre subverter – os mecanismos que a mente humana encontra para superar uma realidade aparentemente intolerável. É neste local, neste clima de descontração que Estamira consegue se socializar. É neste local que ela se vê livre dos preconceitos que seus distúrbios e a própria sociedade lhes traz.

Entre imagens de grande impacto (imagens aéreas do aterro), Carolina conta a história de quando Estamira começou trabalhar no lixão de Jardim Gramacho, até a época das primeiras manifestações de delírios e alucinações. Em som fora de campo interagindo com as imagens aéreas e de bandos garimpando, Carolina dá detalhes: “Logo quando ela começou, ela passava uma semana, às vezes duas semanas dormindo ao relento, sei lá como, às vezes em barraca, às vezes ao relento lá em cima, lá na rampa. Depois vinha pra casa, tomava banho, se limpava todinha, ficava bonitinha. Depois voltava de novo, e assim ia. Passou cinco anos assim.” Convencida pelos filhos, Estamira saiu do aterro sanitário e foi trabalhar em outro local. Passou a viver uma vida “normal”. No entanto, certa vez, voltando para casa, depois de uma comemoração com os amigos da firma onde trabalhava, ela foi estuprada pela primeira vez no centro do bairro de Campo Grande. Depois, pela

segunda vez, foi violentada sexualmente perto de sua casa. Enquanto a filha de Estamira vai dando peso a história, as imagens encerram o lixão e vão para casa de Carolina. São filmados os pormenores como objetos da casa simples, cômodos, bem como a narradora da história. Antes de manifestar os distúrbios mentais, segundo Carolina, Estamira era uma mulher religiosa, acreditava que estava passando por um tipo de provação e que Deus iria livrá-la de todos aqueles sofrimentos. Algum tempo depois, não especificado no documentário, Carolina fala que sua mãe começa a ter perturbações por conta de conflitos religiosos e delírios de perseguição.

Em seguida, na possível intenção de dar equidade à história, a direção do filme coloca depoimentos de Hernani, o filho mais novo de Estamira. O cenário agora é a casa dele. Desordem no quintal, um varal de roupas, planos próximos em Hernani enquanto sua voz fora de campo conta como foram as tentativas de internar sua mãe em vários hospitais, sem sucesso. Com a ajuda do ex-marido italiano de Estamira, seu pai de criação, Hernani foi até o aterro de Gramacho para internar sua mãe, onde ela foi amarrada. Nessa empreitada Hernani rodou alguns hospitais do Rio de Janeiro (Duque de Caxias e Engenho de Dentro). Na sequência de continuação, Estamira condena esta ação do filho em altos brados, inconformada e irada.

Depois de numerosas sequências de imagens no lixão onde Estamira mistura delírios e neologismos com questões que vão de interesses globais – como o destino do lixo, a miséria e a fome –, até questões sentimentais e regras de sociabilidade, o corte é feito para o Centro de Assistência Psicossocial (Caps) José Miller, em Nova Iguaçu, cidade próxima ao bairro de Campo Grande no estado do Rio de Janeiro. Neste posto dona Estamira sempre recebe assistência médica. A câmera a acompanha entrando na fila de atendimento e na sala de espera. O som fora de campo, a fala dela mesma, conta sintomas do distúrbio: alucinações auditivas e delírios. Mostra também incompreensão da doença e questiona sua lucidez. Depois do atendimento, Estamira sai com um papel nas mãos, dando a entender ser um receituário para medicamentos.

Em sua casa, Estamira está visivelmente dopada por conta dos efeitos colaterais da medicação que faz uso. Está indignada com o sistema de atendimento médico que lhe é oferecido. Critica severamente o método do médico que a assiste. Tem crises de ira, aos gritos mostra sua carteira de marcação de consultas onde

está escrito que o próximo encontro seria depois de 40 dias.

Em 1:07:22 do documentário, Angela Maria, motorista e voluntária de um hospital, entra na história de dona Estamira. Junto está Maria Rita, 21 anos, filha mais nova da “protagonista”. Maria Rita foi adotada por Angela aos oito anos. Nesta época Estamira perambulava pelas ruas com a criança, catavam lixo e pediam esmola. Então Hernani, filho mais velho, decidiu que sua irmã mais nova deveria ter um lar “digno” para crescer e ser educada.

A sequência seguinte é uma visita de Maria Rita a casa de Estamira onde foi preparada uma macarronada para todos. Então a menina fala com resignação da época em que catava restos no aterro para sobreviver. Não se mostra confortável com o que viveu antes de ser adotada. Apesar de tudo diz que se fosse possível não teria saído de perto da mãe e tenta explicar, muito emocionada, a situação atual de distúrbios de Estamira. Neste momento chega a casa Hernani e começa a falar de religião. Lê trechos da bíblia. Estamira fica indignada, começa a gritar palavrões até que Hernani é obrigado a ir embora. Maria Rita fica imóvel, porém angustiada.

Nos parágrafos anteriores, Marcos Prado teve as primeiras imagens de Estamira dopada, porém um pouco de lucidez ainda lhe restava para ser capaz de criticar seu tratamento médico. Em (01:13:50), Prado consegue imagens impressionantes pelo estado de sedação extrema provocada pelos efeitos colaterais de remédios. Nota-se que Estamira ganhou peso, seus olhos estão esbugalhados, suas palavras são lentas e desconexas, seu pensamento é dissociado, os delírios estão a flor da pele. Há primeiríssimos planos das mãos e dos pés mostrando o parkinsonismo (tremedeira). Estamira não consegue organizar seus pensamentos, sendo incapaz de formular qualquer pequenina história. Está sentada em uma poltrona, dentro de sua casa. Entre delírios e neologismos, ela reclama de fortes dores e se sente agoniada com a falta de controle próprio. Consultado o referencial teórico, identificou-se em Portella, Bueno e Nardi, (2001, p. 103), que os principais efeitos colaterais dos antipsicóticos são os relatos por Prado nesta última sequência.

Natal de 2001. Estamira passa esta noite no aterro de Jardim Gramacho, junto ao seu grupo. Nesta noite ela está carismática, profética com seus delírios de grandeza, demonstra bom humor e sentimentos de afeto ao seu amigo João, que também cata o material reciclado no lixo. Na sequência imagens em preto e branco documentam Estamira em sua casa, com seus afazeres domésticos; lavar a louça,

varrer, fazer a comida. Enquanto essas imagens rodam, a voz de dela em som fora de campo rela episódios de sua infância. O avô que estuprou a mãe e a ela mesma. Estamira declara sua depressão imensa, declara não ter cura. Com 12 anos Estamira foi prostituída em um bordel levada pelo avô. Aos 17 anos conheceu Miguel Antonio, o pai do Hernani, neste mesmo bordel. Montaram casa, foram morar juntos. Porém o pai do Hernani era mulherengo e Estamira fugiu com o menino para casa de uma tia. Na casa dessa tia conheceu Leopoldo Fontanive, o italiano, pai de Caroline. Viveram 12 anos. Também era mulherengo e agressivo. Estes são relatos de Estamira acessando sua memória.

Natal 2002 (01:26:48). Todos reunidos no barraco de Estamira, chove um pouco forte. Um cachorro encharcado procura abrigo à porta. Seu colega João, do aterro sanitário, vem passar o Natal com todos. Estamira toma uma cerveja e parece se sentir feliz. Canta com seu amigo João. Porém é recorrente Estamira perder a paciência e ficar enfurecida quando se fala de religião.

A família está reunida com filhos e netos, tem refrigerante, rabanada e cerveja. Estamira vai a cozinha fazer um café. Canta, debocha da figura do diabo. É perceptível ao telespectador que ela está tendo alguma alucinação auditiva. Procura algo olhando de um lado para outro. Para traz. Palavras incompreensíveis. Ao fundo o som é da chuva. Estamira coloca as costas das duas mãos na testa, parece sentir tonteira ou alguma dor. Neste momento a direção todo filme retira o som, até que Estamira se recupere. Fecha a sequência com o mesmo cachorro encharcado.

Desde o começo deste ensaio, o que mais recorre são os agentes psicossociais, atores estressantes. Agressões conjugais, estupros, traições, miséria e outros. Segundo Portella, Bueno e Nardi, (2001), estes são possíveis causadores de distúrbios mentais. Todos muito bem documentados por Prado. Porém estes fatores ambientais psicossociais devem pressionar uma vulnerabilidade específica, como genes ou hereditariedade. O filme traz estes dois fatores – hereditariedade e ambiente.

Em (01:32:30), preto e branco, em primeiríssimo plano, som fora de campo, é Estamira narrando episódios dos distúrbios mentais de sua própria mãe, Rita Miranda. Ela descreve sintomas de alucinações da mãe, diz sentir muitas saudades. Estamira, depois de ser muito “judiada”, sofreu ameaças do marido italiano que impôs a condição: internar Rita, caso contrário não viveriam juntos. Depois de muitas imposições feitas pelo marido, Estamira a internou no Centro Psiquiátrico

Pedro II, atualmente Instituto Municipal Nise da Silveira. Prado faz uma citação com imagens do hospital Pedro II na década de 70, utilizando o documentário “Imagens do inconsciente”, 1987, de Leon Hirszman. Nesta época a Reforma Psiquiátrica⁵ não estava em formato de lei. Era uma ideologia vinda da Europa, mas com pouca influência no Brasil. Os pacientes eram confinados nos hospitais e recebiam maus-tratos. (Cf. Amarante, 1997)

Nesta sequência Carolina diz que assim que Estamira se separou do italiano, a primeira coisa que ela fez foi buscar sua mãe no Engenho de Dentro. Então dona Rita permaneceu na compainha da família até sua morte. Carolina tem sentimento de culpa, acompanha o sofrimento de Estamira por ter internado sua avó e por isso não deixa que se faça o mesmo com sua mãe.

Na casa da protagonista, a câmera utiliza planos detalhe para ilustrar a tremedeira nos pés e nas mãos. O chão de terra na sala da casa. Estamira ganhou mais peso, sua fala é bem lenta, reclama que a vida não é fácil de viver, queixa-se de zumbidos no ouvido. “Desgovernada, eu estou desgovernada. Sabe o que é uma pessoa desgovernada? É uma pessoa nervosa, assim, querendo falar sem poder, agoniada. [...] Tem vezes que a minha cabeça está parecendo sabe o que: um copo cheio de ‘sonrisal’, fervendo assim.” (medicamento para combater acidez no estômago). Apesar de Estamira estar um pouco sedada nesta sequência, ela não apresenta delírios, nem alucinações. Seu discurso está bem encadeado e suas idéias estão nítidas. O tratamento pode estar dando certo, porém os efeitos colaterais dos remédios são inevitáveis. Um atestado médico afirma que ela deve seguir tratamento psiquiátrico continuado.

Pessoa muito religiosa e simples, Hernani dá suas opiniões sobre a mãe. O documentário expõe as crenças religiosas dele. As imagens são preto e brancas, o som fora de campo é a voz de Hernani que narra sua relação com a mãe, fazendo ligações e interpretações com a religião protestante. Ele evita Estamira porque ela blasfema contra religiões, principalmente contra a dele. O rapaz diz que a evita também por ela ser “cl clinicamente completamente louca”. Também coloca que “espiritualmente falando ela tem influências demoníacas”. Com discurso tropeçado, Hernani mede bem as palavras que vai pronunciar. Sua fala é tranqüila, porém seu

⁵ Reforma Psiquiátrica, definida pela Lei 10216 de 2001 (Lei Paulo Delgado) como diretriz de reformulação do modelo de Atenção à Saúde Mental, transferido o foco do tratamento que se concentrava na instituição hospitalar, para uma Rede de Atenção Psicossocial, estruturada em unidades de serviços comunitários e abertos.

raciocínio, às vezes, perde a lógica. Diz ainda que essa relação problemática com sua mãe estaria deixando ele cansado, o que teria provocado o rompimento entre os dois. “Eu só quero voltar a ter com a minha mãe, na casa dela ou lá em casa, só quando o Senhor me der a certeza de que está perdoada, liberta e curada pelo Senhor. Porque o Senhor né, pode tudo.” Hernani pronuncia estas palavras num tom de pregação religiosa.

Corte ceco para o aterro sanitário. Está amanhecendo e todos dormem no meio do lixo, a céu aberto. As imagens em cor mostram, no horizonte, um cavalo caminhando e cachorros latindo. O nascer do sol dá um tom lilás ao céu. Estamira com ganho de peso, um pouco sedada, brada crítica comparando os homens aos “quadrúpedes” (animais irracionais, como o cavalo). Profetiza a seguinte resolução para o mundo: “A solução é fogo, a única solução é o fogo. Queimar tudo, os espaços, os seres, e por outros seres nos espaço.”.

Em entrevista a um jornal carioca, Prado declarou que Estamira lhe pediu para levá-la a praia. E foi exatamente isto que ele colocou como última sequência do filme. Ela chega de frente o mar, em imagens preto e brancas. Toma banho, enfrenta as marolas, se diverte. Estamira delira em frente às ondas. E o mar, agitado, profundo, parece ser como o espírito de Estamira. Forte, confuso, ao mesmo tempo firme e lógico. Como algo que não é compatível ao nosso mundo, a alma de Estamira delira, tem alucinações. Mas não se vende e não se cansa de perseguir a dignidade. Estamira tinha o desejo de conhecer o mar porque sabe da força da natureza. Independente das injustiças sociais, dos “esperto ao contrário”, o mar está lá em seu lugar, como sempre esteve. “Tudo que é imaginário tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é.”

5. A REPERCUSSÃO DO FILME *ESTAMIRA* NOS DIÁRIOS *O GLOBO* E *FOLHA DE SÃO PAULO*: CIÊNCIA E/OU CULTURA?

A utilização de personagens portadores de doença psiquiátrica vem aparecendo com frequência no cinema brasileiro. Da Retomada⁶ (década de 1990) até os tempos atuais (fins dos anos 2010), esta constatação pode provar a utilização de sintomas de psicopatologias como ferramenta na construção de personagens e histórias. (Cf. MAIA, 2007).

Este capítulo analisa a ação da cobertura do documentário *Estamira* (2006) em dois jornais diários: *Folha de São Paulo*, de São Paulo e *O Globo*, do Rio de Janeiro, especificamente os textos da editoria de cultura.

Observa-se na Tabela 01 que, entre julho de 2004 e julho de 2007, ambos os jornais publicaram a mesma quantidade de textos, mostrando equidade numérica na cobertura do filme.

Jornal	Número de textos	Cidade
Folha de São Paulo	8	SP
O Globo	8	RJ

Entre os textos levantados nos jornais, no *O Globo* destacam-se duas críticas no dia 28 de julho de 2006, dia da estréia do filme no circuito brasileiro. A primeira, intitulada “Dignidade além do lixo”, foi escrita pelo jornalista Eros Ramos de Almeida e a outra, com o título “Uma paixão prejudicial”, assinada pelo também jornalista Bruno Porto. Na *Folha de São Paulo*, na mesma data, tem destaque um texto na modalidade de crítica com a chamada “Profetiza do lixo nasce de bela fotografia” do jornalista Inácio Araújo e outros dois em formato de reportagem. O

⁶ A partir de 1995, começa-se a falar numa "retomada" do cinema brasileiro. Novos mecanismos de apoio à produção, baseados em incentivos fiscais e numa visão neo-liberal de "cultura de mercado", conseguem efetivamente aumentar o número de filmes realizados e levar o cinema brasileiro de volta à cena mundial. (SILVA NETO, A.L. - Dicionário de Filmes Brasileiros. São Paulo, Futuro Mundo, 2002.)

restante dos textos, nos dois jornais, é de caráter de divulgação, ou mesmo reportagens a respeito de eventuais prêmios ganhos pelo documentário.

Dos 16 textos publicados nos jornais citados, apenas um deles foi escrito por um especialista de Ciências Médicas. Em modalidade de “coluna” foi publicado no dia 03 de agosto de 2006 (seis dias após a estréia de *Estamira*), com o título *Estamira e “Transamérica”*, assinado pelo psicanalista, doutor em psicologia clínica, Cotardo Calligaris. A seção 2.1 deste capítulo abordará uma análise mais detalhada dos textos da *Folha de São Paulo*, no que diz respeito à linguagem de um especialista e suas precisões em termos de alcance ao público leigo e suas precisões.

5.1. O tratamento dado ao documentário *Estamira* no jornal *Folha de São Paulo*

Com base nos pressupostos teóricos citados no capítulo 01, nesta seção da pesquisa examinam-se os pormenores contidos nos textos da *Folha de São Paulo*, levando-se em conta a conotação empregada. Destacam-se palavras-chaves da Psiquiatria e da Psicologia em cada texto publicado, analisando se o termo foi empregado em caráter científico. Observam-se aqui os “pormenores negligenciáveis” e “indícios imperceptíveis para maioria”, de acordo com a análise de Ginzburg (1989, p. 143-179) em “Raízes de um paradigma indiciário”.

Na tabela 02 consta o levantamento das palavras-chave contidas em todos os textos referentes ao filme *Estamira* (2006) publicados no jornal *Folha de São Paulo*, entre julho de 2004 e julho de 2007. Observa-se que a palavra “loucura” tem sete ocorrências, seguida de “delírio” com cinco e “esquizofrenia” e “psicótico” empatadas com quatro. Essas ocorrências indicam quais palavras mais populares da Psiquiatria estão presentes no imaginário dos formadores de opinião. Observa-se também nesta mesma tabela que os sintomas de doenças mentais aparecem com mais frequência, como nos exemplos: *delírio*, *neurose*, *paranóia*, *psicose*. Em seguida notam-se nomes de doenças/distúrbios, como exemplos: *esquizofrenia* e *psicótico*. Há ainda a expressão “doente mental” em um dos textos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), este termo “doença mental” foi posto em desuso na décima edição (1992) da Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento, cap. V, (CID-10) e substituído por “transtorno”. (CID-10 disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>, acesso 20 de dez. 2009.)

Tabela 02: Folha de São Paulo (julho/2004 a julho/2007)	
PALAVRA CHAVE	QUANT.
Loucura	7
Delírio	5
Esquizofrenia	4
Psicótico	3
Psicologia	2
Psiquiatria	1
Reforma Psiquiátrica	1
Neurose	1
Psicanálise	1
Paranóia	1
Psíquico	1
Doente Mental	1
Psicose	1

Nos parágrafos a seguir este estudo isolará as três palavras-chave da tabela 02 que mais obtiveram ocorrência nos diários. A intenção é decompor cada texto na sentença onde aparecem estas palavras-chave utilizando-as como objeto de análise. Em cada situação será verificada a aplicação técnico-científica das palavras, se elas são empregadas com abordagem científica ou não.

5.1.1. LOUCURA

Na palavra “loucura”, o que vai interessar nesta monografia é o conceito de psicopatologia para transtorno mental. Sempre que esta análise se referir a “loucura”, estará considerando as “anormalidades psíquicas do ser humano.”, ou ainda, “comportamentos psíquicos não aceitos pelo sistema sócio-cultural e/ou que fazem sofrer o indivíduo.” (Portella, Bueno e Nardi, 2001, p. 44) ou seja: um conceito que faz referência à psicopatologia no seu mais amplo significado.

O dicionário de Psiquiatria de Campbell registra o conceito de loucura como:

[...] uma formulação técnico-científica de um estado de sofrimento e perturbação psíquica gerador de variados níveis de inabilidades sociais.”. “Livramento, qualquer transtorno mental (incluindo tudo o que é sugerido pelos termos obsoletos insanidade, demência e psicose); de maneira mais específica, o termo é usado para referir-se a uma classe ou grupo em particular de transtornos mentais [...] (Campbell, 2008, p. 612).

A seguir trechos de quatro ocorrências da palavra “loucura” na coluna intitulada “Estamira e ‘Transamérica’”, escrita pelo psicanalista Cotardo Calligaris, íntegra disponível no Anexo 04:

- a) “Dessa experiência, Prado fez um filme, “Estamira”, que é um extraordinário documento sobre a humanidade da loucura.” (“Estamira e ‘Transamérica’”, Caderno *Folha Ilustrada*, 03 de agosto de 2006, p. E12);
- b) “[...], o filme é absolutamente imperdível para quem, “psi” ou não, esteja disposto a se aproximar da loucura, [...]. (“Estamira e ‘Transamérica’”, caderno *Folha Ilustrada*, 03 de agosto de 2006, p. E12);
- c) “[...] (esse talvez seja o drama fundamental da loucura)” (“Estamira e ‘Transamérica’”, caderno *Folha Ilustrada*, 03 de agosto de 2006, p. E12);
- d) “[...] será que a nossa sociedade pode tolerar a loucura só na margem extrema (o além do além) do lixão ou na clausura dos hospícios? (“Estamira e ‘Transamérica’”, caderno *Folha Ilustrada*, 03 de agosto de 2006, p. E12).

Analisando-se os quatro fragmentos é possível detectar que o termo “loucura” é utilizado no sentido institucional da Psiquiatria, ou seja, refere-se ao que Campbell classificou como “estado de sofrimento e perturbação psíquica”.

Os períodos acima fazem parte da coluna semanal do psicanalista, doutor em psicologia clínica, Cotardo Calligaris, já citado anteriormente nesta análise. Portanto trata-se de um especialista, o que torna o texto preciso na utilização de um discurso de tom científico. Em algumas partes o psicanalista se dirige especificamente a psicólogos e cita Ludwig Binswanger (1881 – 1966), psicólogo suíço que utilizava a combinação de psicoterapia com filosofia existencialista, como mostra este parágrafo:

Alguns psicólogos reconhecerão nessa tríade (mundo físico, relações e intimidade) as três categorias da psicologia existencial de Ludwig Binswanger. Pensei em Binswanger e na generosidade de sua clínica e de seu pensamento quando,

comentando o filme, uma amiga e colega me disse: “Estamira é delirante, mas suas palavras, poéticas, fantásticas ou brutais, são coisas que ela diz não porque é psicótica, mas porque é ela, Estamira”. (“Estamira e ‘Transamérica’”, caderno *Folha Ilustrada*, 03 de agosto de 2006, p. E12, íntegra no Anexo 04).

Calligaris, nesta coluna de 23 de agosto de 2006 (cinco dias depois da estréia do filme em circuito nacional), critica a postura da sociedade perante o “louco”. Postura essa que é de criar distância e isolamento a insanidade mental. Cotardo também defende a Reforma Psiquiátrica⁷ com censura ao comportamento frequente da sociedade de refugar a loucura: “[...] quem não acredita na reforma psiquiátrica veja o filme e se pergunte: será que a nossa sociedade pode tolerar a loucura só na margem extrema (o além do além) do lixão ou na clausura dos hospícios?”.

Outra recorrência da palavra “loucura” referindo-se ao documentário *Estamira* na *Folha de São Paulo*, foi no dia 1º de julho de 2007, no caderno *Folha Ilustrada*, p. E5, num pequeno texto - não assinado - em modalidade de “nota” divulgando o lançamento do DVD do filme. Segue trecho: “Para pôr os pés no chão e lembrar que lixo é lixo e loucura é loucura,...” (caderno *Folha Ilustrada*, 1º de julho de 2007, p. E5) Novamente trata-se de uma crítica ao comparar loucura com lixo. O trato do louco como refugio (pôr de lado como inútil ou desinteressante, assim como o homem faz com o lixo) é um comportamento da sociedade que começou no século XVII, na Europa, com a criação dos hospícios. (Cf. Foucault, 1972, 8ª edição, p. 11) O texto procura evidenciar a diferença entre lixo e loucura, o que a Reforma Psiquiátrica coloca como um dos seus principais valores.

No dia de estréia do filme em circuito nacional de cinemas, 28 de julho de 2006, a *Folha de São Paulo* publicou três textos sobre o filme. No caderno *Folha Ilustrada*, página E4, foram publicadas uma crítica intitulada “Profetiza do lixo nasce de bela fotografia”, de autoria do jornalista Inácio Araújo e uma matéria com o título “‘Estamira’ exhibe na tela ‘discurso inclassificável’”, de Silvana Arantes. No *Guia da Folha* (espécie de revista semanal de entretenimento), página 18, uma resenha com a chamada “Documentário retrata personagem fascinante”, do crítico Ricardo Calil.

⁷ Reforma Psiquiátrica, definida pela Lei 10216 de 2001 (Lei Paulo Delgado) como diretriz de reformulação do modelo de Atenção à Saúde Mental, transferido o foco do tratamento que se concentrava na instituição hospitalar, para uma Rede de Atenção Psicossocial, estruturada em unidades de serviços comunitários e abertos.

Dois destes três textos contêm a palavra “loucura”: a crítica e a resenha.

O crítico de cinema Inácio Araújo, da mesma forma que os textos já citados anteriormente, também utiliza a “loucura” com significado técnico-científico, classificando como “passagens delirantes” o discurso/fala de Estamira. Ao mesmo tempo declara que o comportamento da personagem tem associação com filmes de Glauber Rocha e Zé do Caixão. Segue trecho da crítica:

É uma mulher cujo discurso parece fazer parte do lixo que ela recolhe para sobreviver: um ajuntamento de palavras incapazes de fazer sentido. Mas não percebemos essa ausência de sentidos como loucura. Seu discurso até parece, às vezes, com passagens delirantes dos filmes de Glauber Rocha. Ou de Zé do Caixão. (*Folha Ilustrada*, 28 de julho de 2006, p. E4, íntegra no Anexo 01)

Nesta associação, o jornalista compara o discurso de Estamira com as obras dos cineastas citados na tentativa de destacar o preconceito social a cerca da loucura. O texto é claro à interpretação de que há semelhança no discurso pessoal de Estamira com passagens de Rocha e Zé do Caixão.

No *Guia da Folha*, espécie de revista semanal de entretenimento, o crítico Ricardo Calil redigiu uma resenha onde o termo “loucura” pode conter dois sentidos. Segue trecho da resenha: “O resultado não é um elogio da loucura, nem tampouco uma denuncia social.” (*Guia da Folha*, 28 de julho de 2006, p. 18). O primeiro sentido que pode ser atribuído é o jornalista classificar o filme como um trabalho que não exalta a loucura. O segundo faz alusão ao ensaio “Elogio da loucura”, escrito em 1509 (publicado em 1511) pelo teólogo humanista holandês Erasmo de Rotterdam. Em tom satírico esta obra denuncia a hipocrisia e a intolerância de católicos e protestantes da época. No texto de Rotterdam, a Loucura é personificada como algo superior à humanidade porque ele acreditava que todos os homens, até o momento de sua morte, não escapariam dela. “Elogio da loucura” teve destaque na essência da retórica durante o século XVI, e se converteu em um exercício popular entre os

estudantes do teatro isabelino⁸. (ROTTERDAM, 1997, prefácio, p.12)

5.1.2. DELÍRIO

O “delírio”, palavra que aparece cinco vezes nos textos da Folha - como mostra a tabela 02 -, é a segunda maior ocorrência no material analisado. O mesmo procedimento (técnico-científico) dado à palavra “loucura” anteriormente será repetido para a análise à palavra “delírio”. De acordo com Portella, Bueno e Nardi (2001, p. 44), “[...], o delírio pode ser definido como um transtorno mental orgânico com disfunção global das habilidades cognitivas, flutuações das capacidades perceptivas, distúrbio mnêmico de fixação e labilidade emocional.”. No dicionário de Campbell (2008, p. 190), a definição é mais clara: “Transtorno cognitivo com prejuízo relativamente global que consiste em déficits de atenção, de excitação, de consciência, de memória, de orientação, de percepção e de fala ou de linguagem.”

A recorrência do termo “delírio” explica-se pelo fato de ser uma das principais características da personagem do filme. Este sintoma está associado aos loucos como: alucinações auditivas (no filme *Estamira* interage com suas alucinações), mudança repentina de comportamento (a personagem passa subitamente da calma a agressão verbal) e fixação de idéias (Estamira apresenta repetição de “profecias”, de ódio à religião e seus representantes, de inconformidade com a justiça da sociedade, entre outras).

A palavra “delírio” será analisada aqui com algumas variantes em seu radical. Nos textos aparecem “delirar”, “delirantes” e “delírios”. Para contabilizar nas tabelas quantitativas este estudo optou por agrupar essas três diferenças no termo “delírio”.

Das cinco ocorrências coletadas nos textos, três estão na coluna do psicanalista Cotardo Calligaris (caderno *Folha Ilustrada*, 03 de agosto de 2006, p. E12, íntegra no Anexo 04). Por se tratar de um especialista da área de psicologia, conseqüentemente fala de um lugar diferenciado em relação aos jornalistas e críticos de cinema. Calligaris utiliza a palavra “delirante” no terceiro parágrafo, em um comentário de uma colega sua, a respeito de Estamira: “Estamira é delirante, mas suas palavras, poéticas, fantásticas ou brutais, são coisas que ela diz não porque é psicótica, mas porque é ela, Estamira”. Observa-se que a “amiga e colega”

⁸ O teatro isabelino ou elisabetano (1558-1625) se refere às obras dramáticas escritas e interpretadas durante o reinado de Isabel I de Inglaterra (1533-1603), sendo associado, tradicionalmente, à figura de William Shakespeare (1564-1616).

(nas palavras do próprio Calligaris) não utiliza o termo “delirante” tecnicamente. Ou seja: nessa ocasião não há relação técnico-científica da utilização da palavra “delírio” com algum tipo de transtorno mental, mas sim com algo de extraordinário, maravilhoso ou arrebatador que, segundo a “colega” de Calligaris, existe na personalidade de Estamira.

No quarto parágrafo da coluna, o termo “delírio” aparece novamente. Cita-se: “Que falemos lugares-comuns (como a maioria dos neuróticos) ou expressemos curiosas visões do mundo (como quem parece delirar), [...]”. Nesta sentença o colunista se utiliza da comparação ao sintoma de alucinação visual – “flutuações das capacidades perceptivas”, (Cf. Portella, Bueno e Nardi, 2001, p. 44), com visões de mundo diferenciadas, (o caso de Estamira) que, aleatoriamente, todo homem pode ter. O psicanalista defende a honestidade que todo ser humano deve ter, que todos devem ser tratados como sujeito e que nenhum quadro clínico pode, ou deve, anular a socialização. Especificamente neste trabalho, a socialização da insanidade mental.

O último emprego da palavra “delírio” na coluna de Calligaris acontece no sexto parágrafo. O autor utiliza “delírio” com uma visão sociológica: “A diferença é que nossas crenças são delírios que tiveram sucesso e ganharam credibilidade por serem compartilhados pela maioria.” O conceito de delírio para Calligaris, especificamente nesta sentença, diz respeito a comportamentos manifestados pela maioria em sociedade que não são considerados como sintomas de transtornos psiquiátricos/psicológicos. Neste caso pode-se associar esta lógica de pensamento a comportamentos de diferentes significações, às vezes até opostos, em determinadas sociedades ou povos. Comportamentos aceitos ou não, ficando a critério de valores, que podem variar de acordo com o espaço ou tempo.

Como já dito nesta análise, no dia de estréia do filme em circuito nacional de cinemas, o caderno *Folha Ilustrada*, na sua página E4, foram publicadas uma reportagem e uma crítica a respeito do documentário *Estamira*. Quanto a reportagem, que se mostra de caráter de divulgação da estréia, a jornalista Silvana Arantes utiliza a palavra “delírios” em uma declaração que o psicanalista Cotardo Calligaris fez em debate⁹ promovido pelo próprio jornal *Folha de São Paulo* para discutir questões a respeito do filme. Na sequência, trecho da reportagem: “Impressionado com a personalidade de Estamira, ou, nas palavras de Calligaris,

⁹ O debate contou com a presença de críticos de cinema da Folha de São Paulo, com o já citado Cotardo Calligaris, o filósofo Luiz Fugani e Marcos Prado (diretor do filme Estamira).

com seus ‘delírios psicóticos de alta qualidade’, Prado a procurou dois meses depois, com a proposta de realizar um filme sobre sua vida.” Há significado técnico-científico neste caso, no entanto, Calligaris parece enxergar estética no comportamento (nos “delírios psicóticos”) de Estamira ao dizer que eles têm “qualidade”. Mas não há como avançar nesta interpretação porque a reportagem não oferece maiores informações.

“Delírio” tem sua oitava ocorrência na crítica “Profetiza do lixo nasce da bela fotografia”, de Inácio Araújo. O texto desta crítica segue abaixo da reportagem analisada no parágrafo anterior, na mesma página do jornal. “Seu discurso até parece, às vezes, com passagens delirantes dos filmes de Glauber Rocha. Ou de Zé do Caixão”.

Estes dois cineastas citados pelo crítico Inácio Araújo fizeram parte de uma corrente artística brasileira chamada Cinema Novo, iniciada na década de 1950. Esta tinha como principal característica acabar radicalmente com a influência do estilo hollywoodiano na produção do cinema nacional. Influenciado pelo movimento francês *Nouvelle Vague*, o cinema brasileiro daquela época passou a produzir filmes de orçamento baixo, com uma linguagem forte de realismo e de roteiro crítico-social com falas apocalípticas, principalmente nas produções de Glauber Rocha e Zé do Caixão (entre muitos outros cineastas da época). É nesse clima – de tom crítico e realista – que Araújo compara às “passagens delirantes” do Cinema Novo com a “ausência de sentido” no discurso de Estamira.

5.1.3. ESQUIZOFRENIA

Na tabela 02 há indicação de quatro ocorrências da palavra esquizofrenia nos textos da *Folha de São Paulo*. Nosso estudo dá continuidade ao procedimento utilizado nas análises anteriores (de loucura e delírio). Ou seja, o que interessa aqui, como nas ocorrências “loucura” e “delírio”, é o tratamento técnico-científico dado a palavra “esquizofrenia” nas seções de cultura do jornal analisado, esquizofrenia como transtorno mental. Esta análise se ampara na definição de Portella, Bueno e Nardi (2001, p. 91 e 92): “[...] dissociação do pensamento dos afetos e da expressão motora.”

Em ordem cronológica dos textos publicados na Folha, ocorre uma nota publicada na seção “Panorâmica”, caderno *Folha Ilustrada*, em 19 de dezembro de 2005, quase seis meses antes da estréia no circuito nacional. Como sugere o nome,

a seção se dedica a ligeiras notas sobre cultura e entretenimento. Uma destas notas divulga o prêmio de terceiro lugar para o documentário *Estamira* (2006) no 27º Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano de Havana. Segue trecho da nota: “‘Estamira’ (2004), de Marcos Prado, que retrata uma mulher de 63 anos de idade diagnosticada como esquizofrênica, [...]” Repara-se que foi colocado ao lado do nome do filme o ano de 2004. Neste caso, a referência de tempo que o jornalista teve foi a data em que o documentário já estaria pronto e sendo exibido nas telas do cinema e fatalmente porque (já dito neste parágrafo) esta nota foi publicada antes da estréia nacional.

O termo “esquizofrenia” empregado neste caso foi utilizado como técnico-científico: “diagnosticada como esquizofrenia”. A palavra “diagnosticada” reforça esta conotação, já que significaria a determinação duma doença pelos sintomas, sinais e/ou mediante exames diversos. Realmente o que interessa nessa monografia é o sentido científico da palavra “esquizofrenia”. Porém nesta sentença, o compromisso com a ética, seja de qualquer natureza, não foi respeitado no momento em que se é afirmado o diagnóstico de *Estamira*. Nesta declaração não há fundamento jornalístico ou médico para garantir o quadro clínico da personagem como esquizofrênica

O fato se repetiu em outra nota que divulgou uma sessão de pré-estréia, no mesmo caderno só que no dia 25 de julho de 2006. A conotação da palavra “esquizofrenia” é técnico-científica, porém não há preocupação com a questão da ética ao se afirmar um diagnóstico. Segue o trecho confirmando: “No documentário, Prado apresenta dona Estamira, senhora que sofre de esquizofrenia, e aos 63 anos, lidera uma comunidade de idosos num aterro sanitário do Rio de Janeiro.” (Anexo 08)

Mais duas ocorrências da palavra “esquizofrenia” aconteceram no dia de estréia, 28 de julho de 2006. Sendo uma vez no *Guia da Folha* e outra no *Folha Ilustrada*. No Guia, o crítico, Ricardo Calil escreveu uma resenha sobre o filme explicando como se deu a realização do mesmo. Sem mencionar como chegou ao diagnóstico de “Esquizofrênica e paranóica” [recorte do texto], Calil utiliza duas classificações de doenças psiquiátricas sem citar em qual fundamento está amparado. Segue trecho do texto: “Esquizofrênica e paranóica, a mulher de 60 e poucos anos revelou ser dona de um linguajar intrincado e de uma visão de mundo messiânica.” O emprego técnico-científico da palavra “esquizofrenia” é comprovado,

porém torna a se repetir o descompromisso com a ética jornalística ou médica.

O último caso de utilização da palavra “esquizofrenia” está na crítica intitulada “Profetiza do lixo nasce de bela fotografia” publicada no caderno *Folha Ilustrada*, no dia de estréia, como esta análise já se referiu em parágrafo anterior. Repara-se que neste texto estão sendo utilizadas todas as três palavras listadas na tabela 02 que mais ocorreram em todos os textos analisados nesta monografia. Este texto/crítica destaca a “profecia”, a grandiloquência, o discurso truncado de Estamira. Como mostra o título e no decorrer do texto também, o crítico tece elogios às imagens e à fotografia de Marcos Prado. Mas nesta ocasião o objeto de análise está numa pequena sentença que o jornalista escreve assim:

O diagnóstico clínico de Estamira é esquizofrenia. Pode ser. Mas esse é um mal de quase todo profeta, de modo que Estamira não interessa como caso clínico se não aos especialistas. (caderno *Folha Ilustrada*, 28 de julho de 2006, p. E4, íntegra no Anexo 01)

Logo nas primeiras palavras, Inácio Araújo é objetivo e afirmativo. Em nenhum momento o escritor deixa perceber que está se utilizando do termo “esquizofrenia” em sentido que não seja técnico-científico. O crítico, ainda neste trecho destacado acima, esclarece que o caso clínico de Estamira não é de interesse para sua crítica. Porém esta sentença provoca alguma tensão ao afirmar, na primeira frase, o diagnóstico de esquizofrenia para Estamira sem fundamento ou referência médica para ampará-lo nesta afirmação.

5.2. Estamira no jornal O Globo

Nesta subseção a pesquisa se ocupa das matérias publicadas no Segundo Caderno (caderno da editoria de cultura) do diário *O Globo*. O período escolhido é o mesmo já utilizado na *Folha de São Paulo*: julho de 2004 a julho de 2007, como mostra a tabela 03. Será repetida também a mesma metodologia adotada na análise do material da Folha.

Da mesma forma, os mesmos referenciais teóricos continuam amparando o método de análise desta monografia. Ginzburg (1989) com a proposta de uma

prática interpretativa centrada sobre os “resíduos”, sobre “os dados marginais”, mas considerados reveladores. Orlandi (2000) com os procedimentos de análise de discurso nas palavras-chave, na intenção de averiguar o emprego científico destas palavras. Por fim, Bauer (2002) para o tratamento dos dados apurados nos jornais diários.

As três primeiras ocorrências serão analisadas caso a caso, onde se dará atenção individual para cada utilização das palavras-chave da Psiquiatria nos textos.

Na tabela 03, pode-se observar que a palavra “esquizofrenia” obteve um total de oito ocorrências, seguida de “loucura” com quatro e “delírio” com duas.

PALAVRA CHAVE	QUANT.
Esquizofrenia	8
Loucura	4
Delírio	2
Distúrbios Mentais	2
Psiquiatria	1
Demência	1
Histeria	1

Agora que temos os dados tabelados, é possível confrontar as ocorrências das palavras-chave, considerando cada jornal diário. Comparando as tabelas 02 e 03, identificam-se as mesmas palavras para as três primeiras posições. Ou seja, nos dois jornais tiveram mais ocorrências as palavras “delírio”, “esquizofrenia” e “loucura”. Porém estas palavras apresentam quantitativos diferentes. Por exemplo, “esquizofrenia” tem oito ocorrências no jornal *O Globo*, enquanto que na *Folha de São Paulo* aparece quatro vezes. Na seqüência, a palavra “loucura” aparece sete vezes na *Folha* e quatro no *O Globo*. A última comparação é com a palavra “delírio”, que ocorre duas vezes no *O Globo* e cinco na *Folha de São Paulo*. A tabela 04 facilita a visualização desta comparação:

Tabela 04: comparativo		
Palavras-chave	O Globo	Folha de SP
Loucura	4	7
Esquizofrenia	8	4
Delírio	2	5

Nas subseções seguintes a pesquisa parte para análise dos oito textos acerca do filme *Estamira* que foram publicados no jornal *O Globo*. O mesmo tratamento que as matérias da Folha receberam será empregado para *O Globo* também, ou seja: isola-se cada palavra-chave da Psiquiatria e analisa-se se sua aplicação foi científica.

5.2.1. ESQUIZOFRENIA

Já definida por Portella, Bueno e Nardi (2001), na página X desta monografia, “esquizo” vem do grego *schizein*, que significa dividir, e frenia/frênico é algo relativo à mente. Ou seja: “mente cindida”. A definição no Dicionário de Psiquiatria de Campbell (2008, p. 287) é um pouco mais clínica: “[...] cisão de porções da psique, porções que podem dominar a vida psíquica do indivíduo por um tempo e levam a uma existência independente, ainda que possam ser contrárias e contraditórias à personalidade como um todo.”

Reforçadas as definições, damos sequência à análise do termo “esquizofrenia”. Como mostra a tabela 03, a palavra “esquizofrenia” apareceu oito vezes nas matérias sobre *Estamira*. A primeira ocorrência se deu no dia 18 de setembro de 2004, num caderno especial para o Festival de Cinema do Rio de Janeiro (2004). Trata-se de uma reportagem sem assinatura e seu conteúdo é um panorama dos filmes que iriam concorrer naquele festival. *Estamira* estava entre eles e teria sua primeira exibição oficial no Brasil. Neste concurso, obteve o prêmio na categoria “melhor documentário”. Antes de participar do Festival do Rio (2004), o documentário já havia concorrido outros festivais fora do país.

Intitulada “Première Brasil – cardápio nacional incrementado”, a reportagem

cita a palavra “esquizofrenia” da seguinte forma: “‘Estamira’, de Marcos Prado, retrata uma mulher esquizofrênica que trabalha há 20 anos num aterro sanitário;” (disponível na íntegra no Anexo 09).

A interpretação possível do uso da palavra “esquizofrenia” neste caso é técnico-científica. O autor faz menção a uma psicopatologia, porém não mostra compromisso ético em sua afirmação por não estar amparado por comprovações legais de diagnóstico médico ou por não citar declarações de terceiros.

Seguindo uma ordem cronológica, *Estamira* teve a segunda ocorrência no diário *O Globo* quase um ano depois do Festival do Rio (2004). Em 18 de julho de 2005 uma reportagem foi publicada no Segundo Caderno, p. 8, (caderno da editoria de cultura) com título “‘Estamira’, documentário premiado e sem distribuidor, tem sessão hoje”. A sessão referida neste título fazia parte dos filmes que se destacaram no VII Festival de Cinema Ambiental (2005).

O conteúdo desta matéria fala da trajetória do filme nos festivais, das dificuldades para encontrar distribuidores no circuito nacional e do trabalho do diretor Marcos Prado e sua relação com a “protagonista” dona Estamira. O texto foi escrito pelo jornalista Jaime Biaggio e utiliza o termo esquizofrenia duas vezes. A primeira Biaggio escreve assim: “Desde o primeiro contato, a senhora de 63 anos, esquizofrênica, revelou-se uma personagem rica.” Na ocorrência seguinte o jornalista fala a respeito de algumas particularidades de períodos em que Marcos Prado esteve com Estamira: “Passou três Natais com ela, conheceu seus três filhos, cujas respectivas relações com a mãe vão da tranqüila à conflituosa, e documentou seu tratamento contra a esquizofrenia com remédios de tarja preta.” (disponível na íntegra no Anexo 10). Ambas as ocorrências são tratadas pelo viés médico-psiquiátrico. Fica clara a interpretação de que quando o jornalista utiliza a palavra “esquizofrenia” neste texto, há intenção de se referir à classificação de um distúrbio mental. E a mesma situação de descompromisso com a ética, seja jornalística ou médica, se repete nestas duas ocorrências.

Na sequência *O Globo* publicou uma reportagem no dia 27 de julho de 2006, um dia antes da estréia do filme em São Paulo e Rio de Janeiro. Trata-se de uma resenha do filme, acompanhada de alguns depoimentos do diretor. O texto foi escrito por Suzana Velasco, no Segundo Caderno, p. 2. A palavra “esquizofrenia” aparece no sexto parágrafo do texto. A jornalista discorre sobre o começo do tratamento psiquiátrico de Estamira e sobre “efeitos colaterais dos remédios”. Segue a

transcrição do parágrafo:

O cineasta conheceu Estamira quando ela começava o tratamento para esquizofrenia e a sentir os efeitos colaterais dos remédios. Desde então, foram 120 horas de filmagens, três Natais, muitas idas ao lixão. Prado só foi entrevistar os filhos no segundo ano de convivência, mas não quis fazer um documentário de entrevistas e explicações sobre sua perturbação mental, apesar de inserir relatos de sua história de vida e questionar a forma como Estamira era atendida. (disponível na íntegra no Anexo 12)

O que vem se repetindo nas reportagens do jornal *O Globo* (nas da Folha de SP também, Cf 2.1.3) e percebido aqui, é o fato das ocorrências com frases afirmativas de que Estamira é esquizofrênica. Percebe-se nos parágrafos anteriores que, quando a palavra “esquizofrenia” aparece está relacionada a um diagnóstico estabelecido. Ou seja: os jornalistas utilizaram “esquizofrenia” com a intenção de predeterminar a doença na protagonista do filme. Porém nenhum deles teve a preocupação de citar provas para tal diagnóstico.

Evidentemente que muitos sintomas documentados no filme podem levar a um diagnóstico de esquizofrenia, pois no comportamento de Estamira estão presentes os delírios e alucinações, delírios persistentes de situações completamente impossíveis, frequentemente Estamira declara poderes e capacidades sobre-humanas, presença de neologismos e discurso eloqüente. No entanto não há como determinar uma doença sem um amparo de informações de exames preliminares e sem declarações de especialistas.

Em 1:37:40 do filme, há uma cena em que Estamira lê uma espécie de “atestado médico” emitido pela Secretaria Municipal de Saúde de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Mesmo neste atestado não fica claro um diagnóstico maduro de esquizofrenia. Segue trecho deste atestado: “Atesto que Estamira Gomes de Souza, portadora de quadro psicótico de evolução crônica, alucinações auditivas, idéias de influências, discurso misto. Deverá permanecer em tratamento psiquiátrico continuado.” (*Estamira*, 2006) Fora este documento lido pela

personagem, no documentário não há outra declaração evidente ou de discurso direto que afirme algum diagnóstico.

Segundo Portella, Bueno e Nardi (2001, p. 107) num quadro psicótico estão incluídos “a esquizofrenia, o transtorno bipolar e os transtornos mentais orgânicos”. Isso quer dizer que dentro de uma classificação geral - a dos quadros psicóticos - estão as subclassificações, como a esquizofrenia, por exemplo. Sobre diagnósticos em medicina, e portanto em psiquiatria, há vários fatores complexos para se chegar a uma decisão. Ainda utilizando as definições de Portella, Bueno e Nardi (2001, p. 26-27), para se chegar a um diagnóstico preciso em psiquiatria (certamente que nas outras especialidades da medicina também) é exigido fazer “pré-diagnósticos” que necessitam ser somados ou superpostos, é preciso ter o conhecimento da história de vida do paciente e suas interações psicossociais (algo que não é possível acontecer nos primeiros contatos), é preciso ainda contar com a experiência profissional do médico-psiquiatra e sua sensibilidade e percepção. Há inúmeras variáveis para se chegar a um diagnóstico definitivo em psiquiatria (os sintomas podem se apresentar exatamente iguais em distúrbios distintos, dificultando intervenções terapêuticas) e nossa monografia não objetiva e nem tem a capacidade de entrar com detalhes em processos complexos de diagnósticos. Porém estas informações acima foram colocadas propositalmente para se ter noção das dificuldades para se chegar a um diagnóstico definitivo. Evidente que os jornalistas aqui mencionados não têm obrigação de ter conhecimentos sobre diagnósticos médicos, porém o dever deles está no compromisso com a ética, seja ela jornalística ou não.

Dando continuidade a decomposição dos textos de *O Globo*, na seqüência o jornal publicou duas críticas no dia de estréia do filme, onde aparecem duas ocorrências da palavra “esquizofrenia” ou suas variações. Os textos estão na página 10 da revista *Rio Show*. Esta revista é publicada todas as sextas-feiras e seu conteúdo abrange cultura (cinema, música, dança, teatro, entre outros), entretenimentos em geral e culinária. Para estréia de *Estamira* foram publicadas críticas de opiniões antagônicas. A primeira com o título “Dignidade além do lixo” foi escrita pelo crítico e jornalista Eros Ramos de Almeida. Neste texto, há elogios ao filme de Marcos Prado e a personalidade de Estamira. Segue trecho da crítica onde contem a ocorrência da palavra “esquizofrenia”:

Depois de sofrer o diabo em dois casamentos e de ser estuprada duas vezes, Estamira começa a dar sinais de esquizofrenia e parte rumo ao lixão, onde trabalhou por 20 anos e juntou o suficiente para comprar um terreno e construir um barraco em Campo Grande, Zona Oeste do Rio. (disponível na íntegra no Anexo 13)

Mais comprometido com a ética, este texto, quando se refere ao transtorno “esquizofrenia”, não afirma um diagnóstico definitivo. Fala em sinais (sintomas) da esquizofrenia de Estamira e, em seguida, argumenta a trajetória da vida da personagem quando ela vai trabalhar no lixão. No entanto, isolando-se a primeira sentença neste parágrafo, encontra-se duplo sentido de interpretação.

O primeiro sentido seria interpretado pelo fato sinais (sintomas) de esquizofrenia de Estamira começaram a se manifestar por conta de ela ter sofrido agressões em dois casamentos – o documentário registra fatos e depoimentos de agressões físicas e morais nas duas relações conjugais de Estamira, ver em 00:39:30 – e de ela ser estuprada por duas vezes durante a juventude. O segundo sentido seria o pretendido pelo jornalista Eros em sua crítica. Além de utilizar cientificamente a palavra “esquizofrenia”, o crítico traça uma linha de tempo para contar, em poucas palavras, a história de vida de Estamira.

Seria interessante aqui colocar alguns argumentos sobre hipóteses etiológicas da esquizofrenia, já que esta primeira crítica analisada engendrou um sentido para possíveis causas da doença.

Atualmente estudos que comprovem ou classifiquem precisamente as causas da esquizofrenia são espaços ou descontinuados. Segundo Portella, Bueno e Nardi (2001, p. 99), não há dúvidas sobre a base biológica, mas sozinha (a base), não explica todos os casos da doença. A esquizofrenia para se manifestar precisa estar acompanhada de fatores de estresse psicossociais, mas “sem a dimensão biológica” não há esquizofrenia. Outro fator, que também é presente no filme, é a questão da hereditariedade. Em 01:32:30, o documentário mostra que a mãe de Estamira possuía transtornos psicóticos. De acordo com o National Institute of Mental Health, a esquizofrenia ocorre em 10% das pessoas que têm um parente de primeiro grau (pais ou irmãos) com o transtorno.

O caso de Estamira apresenta dois fatores básicos, porém insuficientes para

diagnósticos definitivos, que são estudados por cientistas hoje: “genes e ambiente”, (NIH Publication, 2009).

Prosseguindo a análise, o jornal *O Globo* publicou duas críticas que já demos conta da primeira nos parágrafos anteriores. A segunda foi desfavorável ao trabalho de Marcos Prado. Nesta ocorrência, o jornalista Bruno Porto, que escreveu a crítica com o título “Uma paixão prejudicial”, não utilizou nenhuma palavra ligada a Psiquiatria. Neste texto, o jornalista critica a atitude do diretor do filme em não manter um distanciamento da personagem. Esta atitude comprometeria o resultado do documentário. Segundo o crítico, por conta do envolvimento do diretor com o personagem, Prado fez “um filme sem contrastes e com poucos contrapontos, que começa redundante e acaba cansativo.” Bruno Porto discorre sobre técnicas de produção de cinema e não escreve sobre o lado psicossocial do filme.

Nesta mesma página da revista *Rio Show*, além das duas críticas mencionadas, há uma nota introdutória. Neste texto acontece a penúltima ocorrência da palavra “esquizofrenia” no material do diário *O Globo*, segue a citação da nota:

A idéia de mostrar a vida de uma senhora esquizofrênica que vive do (e no) lixo, com cenas coloridas e em preto-e-branco, dividiu os Bonequinhos. Eros Ramos de Almeida adorou: “Com imagens tão fortes quanto belas, ‘Estamira’ enfatiza o quanto é tênue o limite entre sabedoria e loucura.” Bruno Porto torceu o nariz: “Prado fez um filme sem contrastes e com poucos contrapontos.” Aos Bonequinhos, então. (Anexo 13)

A nota explica que dois críticos emitiram opiniões antagônicas. Quando se refere à expressão “dividiu os Bonequinhos”, a nota quis dizer que uma crítica foi favorável e outra não. *O Globo* utiliza quatro ilustrações como escala de medida (o Bonequinho) para indicar ao leitor se um filme é bom ou ruim, de acordo com a crítica. São quatro Bonequinhos: o primeiro aplaudindo em pé para filmes muito bons; o segundo, o Bonequinho aplaudindo sentado para filmes bons; o terceiro, o bonequinho sentado para filmes razoáveis; e o quarto, o bequinho sentado e dormindo para filmes ruins. Quem faz estes julgamentos é crítica de cinema do caderno de cultura do jornal. No caso da estréia de *Estamira* uma crítica teve o

Bonequinho aplaudindo sentado e a outra o Bonequinho sentado e dormindo.

A palavra “esquizofrenia” nesta nota introdutória às críticas foi utilizada no sentido técnico-científico (“uma senhora esquizofrênica”), porém não houve preocupação em falar de onde partiu tal diagnóstico. Novamente aconteceu o descompromisso com a ética.

A última ocorrência da palavra “esquizofrenia” aconteceu no dia 6 de agosto de 2006, no caderno “Zona Oeste” da editoria “Jornais de Bairro”. Trata-se de reportagem de divulgação de uma exibição do filme em espaços culturais da prefeitura do Rio de Janeiro. A sessão era gratuita e fazia parte de um projeto que tinha o objetivo de projetar filmes de temporada e beneficiar moradores dos bairros próximos aos locais de projeção, bem como estudantes e funcionários da administração pública.

A matéria jornalística não tem assinatura, foi intitulada de “História de vida no lixão” e teve como subtítulo “Documentário ‘Estamira’, de Marcos Prado, vai ser exibido a partir de sexta-feira nas lonas culturais da região”. A região referida neste subtítulo é a Zona Oeste do Rio de Janeiro. Segue trecho que destaca a possível doença da protagonista: “No filme, é possível acompanhar, em ordem cronológica, o desenvolvimento da sua esquizofrenia, documentada em cenas ora preto-e-brancas, ora coloridas, nas quais Estamira aparece em meio a delírios.” (Cf. íntegra no Anexo 14)

A situação de descompromisso com a ética se repete para quase todas as ocorrências da palavra “esquizofrenia”, tanto para o jornal *O Globo*, quanto para a Folha de SP. O uso técnico-científico aparece em todos os textos dos jornais, inclusive este último citado acima. Porém o descompromisso com a ética também se repete. Certamente que há diferença quando um especialista em medicina-psiQUIÁTRICA afirma que determinada pessoa tem ou não um distúrbio. O especialista está numa posição mais adequada para fazer tal afirmação. Um jornalista só fica “autorizado” a fazer a mesma afirmação através de uma terceira pessoa, de preferência o referido especialista.

5.2.2. LOUCURA

Dando prosseguimento ao método adotado nesta análise, inicia-se a decomposição das ocorrências da palavra “loucura” nos textos publicados do jornal *O Globo*. Como informa a Tabela 04, o termo foi utilizado quatro vezes, sendo que as duas primeiras aparições foram no texto de Suzana Velasco, um dia antes da estréia do filme. As

outras duas utilizações da palavra ficaram na página 10 da revista *Rio Show*, onde foram publicadas duas críticas de opiniões antagônicas a respeito do documentário no dia das primeiras projeções no circuito de cinemas. Nesta página, “loucura” aparece primeiro na nota introdutória às críticas e depois no texto de Eros Ramos de Almeida. Nos próximos parágrafos se dará atenção especial para cada caso, considerando as mesmas condições e conceitos utilizados na avaliação feita para uso da palavra “loucura” no material da *Folha de São Paulo*.

Um dia antes da estréia do filme no circuito Rio de Janeiro e São Paulo, 27 de julho de 2006, o jornal *O Globo* publicou uma matéria onde ocorre a palavra “loucura” por duas vezes. O texto é de Suzana Velasco, tem o título de “‘Estamira’ leva o imaginário ao lixão”, utiliza a modalidade de reportagem e *release* ao mesmo tempo. A autora escreve com estilo de *release* quando divulga informações sobre o filme, como a trama, característica de personagens, locais e data de estréia. Mas ao mesmo tempo a jornalista utiliza depoimentos do diretor do filme no seu texto, que são características do estilo reportagem. As palavras analisadas aparecem numa declaração do diretor do filme a respeito da relação com Estamira e questionando o tratamento psiquiátrico que a personagem se submetia. Segue a declaração de Marcos Prado:

Sempre achei que ela era especial, sensível e muito criativa. Por que ela é louca? Fiquei me questionando muito sobre loucura e comecei a pesquisar. Como alguém com distúrbio pode ver o médico de 40 em 40 dias? Ela não tinha acompanhamento, tomava doses extras e tinha dores horríveis [...] (disponível na íntegra, Anexo 12)

Neste trecho, Marcos Prado utiliza “loucura” por duas vezes – uma derivação: “louca” – e seus sentidos estão dentro do conceito técnico-científico da psiquiatria, considerando questionamento que Prado fez ao tratamento médico-psiquiátrico que Estamira fazia. O fato do diretor do documentário questionar a frequência de consultas de Estamira ao médico demonstra o interesse de Prado quanto ao tratamento de distúrbios psicóticos. Segundo Portella, Bueno e Nardi (2001, p.101), o tratamento psiquiátrico, quando a periodicidade, deve ter acompanhamentos que podem variar de diário (quando o paciente oferece risco a si próprio ou a outrem) a mensais (quando o tratamento é feito a base de manutenção e acompanhamento de

pacientes estáveis).

As últimas duas ocorrências da palavra “loucura” foram na página 10 da revista *Rio Show*, de 28 de julho de 2006, dia da estréia do filme. Em nota introdutória às duas críticas dedicadas ao documentário, há uma citação de uma frase escrita pelo jornalista Eros Ramos de Almeida, em seu texto crítico a respeito do filme, onde ele utiliza a palavra “loucura”. Ou seja, a nota cita uma frase da crítica, que vem logo em seguida na mesma página do jornal. Segue a frase: “Com imagens tão fortes quanto belas, ‘Estamira’ enfatiza o quanto é tênue o limite entre a sabedoria e a loucura.” (disponível na íntegra no Anexo 13)

Esta frase “limite tênue entre a sabedoria e a loucura” circula com certa frequência na literatura sobre história da Psiquiatria, especificamente quando se pergunta se alguém está louco por conta de um comportamento incomum. Algumas discussões filosóficas colocam em pauta a proximidade entre uma pessoa sã e uma pessoa com distúrbios mentais, uma vez que a definição do que é normal é mais imprecisa.

O que está disponível também na literatura de ciência e que remete a loucura e sabedoria é a presença de figuras como o “cientista louco”, que é um personagem encontrado na ficção científica, caracterizado como vilão ou como excêntrico. Seu comportamento é obsessivo, desprovido de escrúpulos, adotam métodos perigosos para conseguir resultados gananciosos em suas experiências. A influência da ciência moderna nas artes teve início no século XIX. A literatura de ficção começou a retratar a ciência como a salvação ou a perdição da sociedade. Versões fictícias de cientistas – entre loucos e normais, sãos e insanos – foram recorrentes nos personagens criados pela literatura. (Haynes, 1994)

5.2.3. DELÍRIO

Nossa análise chega a sua última etapa. Um pouco cansativa e repetitiva, porém importante para o processo de formação discursiva que, ao final, nos indicará se e como a repercussão do documentário nos diários vistos serve como divulgação de ciência. E nesta fase final daremos atenção aos textos publicados no *O Globo*, onde há ocorrências da palavra “delírio”, com o mesmo tratamento adotado nas análises do material da *Folha de São Paulo*.

A Tabela 04 indica que por duas vezes esta palavra foi utilizada nas matérias do jornal. A primeira ocorrência, mantendo a ordem cronológica, está no caderno

“Zona Oeste”, seção “Lazer”, de seis de agosto de 2006 e não foi assinada. Trata-se de reportagem de divulgação de uma exibição do filme em espaços culturais da prefeitura do Rio de Janeiro. O termo “delírio” ocorre no seguinte frase: “No filme, é possível acompanhar, em ordem cronológica, o desenvolvimento da sua esquizofrenia, documentada em cenas ora preto-e-brancas, ora coloridas, nas quais Estamira aparece em meio a delírios.” (Cf. íntegra no Anexo 14)

Neste caso há possibilidades de duas interpretações de sentidos empregados da palavra “delírio”. A primeira está ligada ao contexto do filme. Um contexto que fala de psiquiatria e distúrbios mentais. Seria como um sintoma do distúrbio de Estamira, presente em quase todo tempo do filme. A segunda conotação, que não é de interesse nesta monografia, pode ser interpretada como sinônimo de “exaltação”, entusiasmo extremo, sem ligação patológica.

A última ocorrência da palavra “delírio” aconteceu em uma matéria de capa do Segundo Caderno, no dia 30 de dezembro de 2006. Intitulado “Os melhores de 2006 no cinema”, o texto é de retrospectiva dos melhores filmes do ano, onde são relacionados dez filmes, entre eles está o documentário *Estamira*. Segue a nota sobre o filme de Marcos Prado:

Há quem considera as declarações de Dona Estamira, catadora do lixão de Jardim Gramacho, pérolas filosóficas. Outros as consideram puro delírio de uma subjetividade fraturada pela histeria. Indiferente a essa contradição, Marcos Prado a documentou em um filme provocador. Na forma e no conteúdo. (Cf. íntegra no Anexo 15)

Na época do lançamento do filme no circuito de cinemas, o diretor do filme foi criticado por valorizar a miséria através da estética cinematográfica. Em muitas cenas havia elementos que destacavam a beleza do por do sol, por exemplo, mesmo no meio de um local degradante e de uma situação social de crise. Este texto divide o documentário de Prado em dois: um documentário estético, que estaria ligado à beleza das imagens; e outro documentário social, que explora sintomas de distúrbios mentais: como o “delírio” empregado neste trecho, caracterizado por falta de controle sobre atos e emoções, pela ansiedade exagerada e pela ampliação dos efeitos de impressões sensoriais da “protagonista”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chamam atenção as possibilidades de aproveitamento de muita informação de divulgação científica, tecnológica e de saúde na repercussão de um filme sobre a loucura retratado em cadernos de editorias de cultura. As análises mostram um jornalismo descompromissado com a ética, porém o tema da doença mental e suas representações gozam de maior espaço junto às massas, isto é, torna-se possível a aproximação de sintomas, causas e tratamentos médicos junto à consciência coletiva.

Na análise fílmica, o que fica mais presente no discurso geral são as possíveis causas da doença mental de Estamira. A direção do filme recorre muitas vezes aos agentes psicossociais influenciando a personalidade perturbada da “protagonista”. Marcos Prado, diretor do filme, ou mesmo na montagem da película, insiste nos fatores estressantes da história de vida de Estamira. Entre estes fatores está a violência nas relações conjugais, traição de confiança, estupros, relações familiares, miséria entre outros.

Evidentemente que o sistema de saúde mental no Brasil não cumpre com obrigações básicas (Cf. Amarante, 1997), há uma mudança de paradigma em curso que vem provocando profundas transformações nos valores da Psiquiatria. Mas o filme focaliza com algum exagero uma Estamira como vítima de sua doença, o que deixa claro que Prado deixou passar para o documentário sua compaixão e solidariedade em relação à “protagonista”. Para o espectador não há outro lado, a não ser luta de Estamira para sobreviver ao insuportável.

Outro viés que o filme explora são os delírios e alucinações. Manifestações importantes de serem filmadas, porque ao ter contato com uma pessoa portadora de distúrbios mentais, o telespectador identificará, de primeira vista, estes dois sintomas que, naturalmente, são os mais visíveis quando ocorrem em situações patológicas. Está lá documentada também a mistificação da loucura. A atribuição de figuras que representam o mal, o nocivo, as adversidades são corriqueiramente relacionadas às alegorias da loucura (Amarante, 1997 e Foucault, 2008, 8ª ed.). O discurso da família (Estamira e filhos) é repleto de associações ao pensamento sobrenatural, o que dificulta a compreensão e o tratamento dos distúrbios.

Para análises do corpus que corresponde aos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* ficaram recorrentes no discurso as sucessivas tentativas de

diagnóstico para o distúrbio de dona Estamira. Dos 16 textos analisados a palavra “esquizofrenia” foi empregada 12 vezes. Apenas numa delas, a utilização foi comedida na tentativa de diagnóstico. No restante o discurso é predominantemente afirmativo no que diz respeito à determinação de esquizofrenia como distúrbio para Estamira. O agravante destas tentativas de diagnóstico seria a falta de comprometimento com a ética jornalística e médica. Nenhuma ocorrência está amparada para fazer tal afirmação. Obviamente que esta monografia não colocou em sua metodologia de pesquisa as exigências fundamentais para avaliar a qualidade de uma divulgação científica, porém o compromisso com a ética vai além de qualquer regra, seja jornalística ou médica. Sobre a necessidade de se chegar a um determinado diagnóstico nos textos analisados, (exaustivamente discutidos nos encontros sobre controvérsias e aspectos éticos do curso) fica enunciado maior preocupação com o produto que com o processo. (Cf. *Como os jornalistas lidam com as incertezas científicas*, S. Holly Stocking. Org. Luisa Massarani, Jon Turney e Ildeu de Castro Moreira, p. 166)

Esta pesquisa intrigou-se com o fato da utilização descomedida da palavra “esquizofrenia” - e suas variações – nos jornais analisados. Procurou-se identificar onde estaria a afirmação de que a protagonista do filme seria realmente portadora de esquizofrenia. Nesse sentido, pesquisou-se em todos os textos analisados alguma afirmação de tal hipótese. Além dos jornais, analisou-se o documentário em todos os seus capítulos e sequências, no intuito de encontrar menção de doença. Por fim esta pesquisa teve acesso a todo material de divulgação do filme produzido pela assessoria de imprensa da produtora. Nada que afirme diretamente ou que dê amparo suficiente para se chegar a um diagnóstico de esquizofrenia.

Destaque para o texto do psicanalista e doutor em psicologia clínica, Cotardo Calligaris. Tratando-se de um especialista da área de psique, sua precisão está clara na medida em que aprofunda definições de relação médica com loucos, Reforma Psiquiátrica e categorias de psicoterapia. Destaque-se também que o texto de Calligaris é de cunho cultural, porém o especialista faz questão de exatidão nas definições das palavras de sua especialidade.

A partir das análises – fílmica e de texto – é possível desdobrar variados temas da divulgação de saúde (mental). O cinema, a televisão e as mídias impressas têm influência forte no plano da cultura de massa, o que pode propiciar

reflexões e debates sobre saúde mental e ainda, igualmente, sensibilizar a esfera pública para um problema que acontece em diversos segmentos sociais. A mídia pode ainda, favorecer tratamentos e inserção social de indivíduos excluídos pela cultura da exclusão por desconhecimento. Esta monografia limitou-se em analisar duas mídias funcionando em conjunto sobre um tema de saúde, porém ficam abertas aqui infinitas possibilidades como: estudos comparativos de mídias com outras especialidades médicas, de modo a entender em que direção se indica o imaginário coletivo dos formadores de opiniões e se esses graus de conhecimento são, de fato, benéficos aos consumidores de informação.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo. **Loucura, Cultura e Subjetividade. Conceitos e Estratégias, Percursos e Atores da Reforma Psiquiátrica Brasileira.** In: Saúde e Democracia. A Luta do CEBES. (S. Fleury, org.), pp. 163-185, Rio de Janeiro: Lemos Editorial, 1997.
- Barthes, Roland. **Elementos de semiologia.** Tradução: Izidoro Blikstein. 16 ed. São Paulo. Cultrix, 2006.
- CAMPBELL, Robert J.. **Dicionário de Psiquiatria.** Rio de Janeiro: Artmed, 8ª edição, 2008. ISBN: 9788536313641.
- Foucault, Michel. **História da Loucura: na Idade Clássica;** Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 8ª edição, 2008.
- Ginzburg, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história;** tradução: Federico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (ISBN 8571640386).
- Haynes, Roslynn Doris. **From Faust to Strangelove: Representations of the Scientist in Western Literature.** Baltimore: Johns Hopkins University Press. 1994. ISBN 0-8018-4801-6.
- MAIA, João Maurício Castaldelli; CASTILHO, Simone Mancini; MAIA, Marilena Castaldelli e NETO, Francisco Lotufo. **Psicopatologia no cinema brasileiro: um estudo introdutório.** *Rev. psiquiatr. clín.* [online]. 2005, vol.32, n.6 [citado 2010-01-21], pp. 319-323 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832005000600002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-6083. doi: 10.1590/S0101-60832005000600002.
- Massarani, Luisa e Buys, Bruno. **A ciência em jornais de nove países da América Latina.** *Rev. Los desafíos y la evaluación del periodismo científico em Iberomérica – Jornadas Iberoamericanas sobre la ciencia em los medios massivos* (30.jul al 3 Ago.2007:Santa Cruz de la Sierra – Bolívia).
- National Institute of Mental Health - <http://www.nimh.nih.gov>, NIH Publication No. TR-09-3517, 2009. Disponível em: (<http://www.nimh.nih.gov/health/publications/schizophrenia/schizophrenia-booklet-2009.pdf>, 04/01/2010).
- Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2000.
- PORTELLA Nunes Filho., BUENO J.R., NARDI A. E. **Psiquiatria e saúde mental: conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais.** São Paulo: Editora Atheneu, 2001.
- Vanoye, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica.** Tradução de Marina Appenzeller. - Campinas – SP: Editora Papirus, 1994.

SILVA NETO, A.L. - **Dicionário de Filmes Brasileiros**. São Paulo, Futuro Mundo, 2002

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro. Zazen Produções Audiovisuais, 2005. Documentário Cor e PB, 35mm, 115'.

BIBLIOGRAFIA

Barreto, Lima. **O cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Editora Planeta do Brasil - Fundação Biblioteca Nacional , 2004.

Bauer, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Burkett, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**; tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

GALDINI E DALGALARRONDO. Ana Maria Raimundo Oda, Paulo. **História das primeiras instituições para alienados no Brasil**. Hist. cienc. saude-Manguinhos v.12 n.3 Rio de Janeiro set./dez. 2005.

Mello, Luiz Carlos (org.). **Nise da Silveira**, coleção "Encontros". Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

ROTTERDAM, Erasmo de. **O elogio da loucura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ANEXO 01

O psicanalista Contardo Calligaris, colunista da **Folha**, ob-

ESTAMIRA,
catadora de lixo e tema do documentário

veio atrás. "Descobri que não devo mitificá-la", afirma.

Crítica

Profetiza do lixo nasce de bela fotografia

INÁCIO ARAUJO
CRÍTICO DA FOLHA

Nos anos 60, o CPC ia ao povo em busca de uma verdade nacional. Eram sambistas, cangaceiros, artesãos ou futebolistas os que pareciam produzir o segredo de nossa salvação. Eram os anos Guarnieri —para lembrar o autor de "Eles Não Usam Black-Tie"—, os anos Augusto Boal.

Uma ditadura militar e a decadência da URSS nos fizeram enterrar ilusões. Uma nova geração, nos anos 80, desperta para os visionários dos anos 70 (e 60 também), que tinham passado quase em branco, como "marginais". Eram Sganzerla, Bressane, Mojica, Zé Celso. Passamos a acreditar que a cultura podia ser a salvação.

Como chegamos aos anos

2000? Talvez seja essa a principal questão que este filme propõe ao público. "Estamira" nasce do longo trabalho fotográfico de Marcos Prado no lixão do Jardim Gramacho, no Rio. É ali que ele conhece Estamira.

Não é preciso mais do que alguns segundos para perceber que não estamos mais nos anos 60. Em meio ao lixo, essa visionária se dispõe a "revelar a verdade", a mostrar o que está "além dos além", aquilo que "cientista nenhum viu".

O diagnóstico clínico de Estamira é esquizofrenia. Pode ser. Mas esse é um mal de quase todo profeta, de modo que Estamira não interessa como caso clínico senão aos especialistas.

É de imagens que se trata: uma profetiza em meio aos abutres, proferindo frases grandiloqüentes, intercaladas

com momentos em que se comunica por grunhidos que compõem um simulacro de língua pessoal. É uma mulher cujo discurso parece fazer parte do lixo que ela recolhe para sobreviver: um ajuntamento de palavras incapazes de fazer sentido. Mas não percebemos essa ausência de sentido como loucura. Seu discurso até parece, às vezes, com passagens delirantes dos filmes de Glauber Rocha. Ou de Zé do Caixão.

Quem será, por exemplo, esse Trocadilo a que se refere? Parece um Deus decaído, vingativo e mau, contra quem o homem precisa se levantar. Ele é a expressão do "esperto ao contrário" —outro personagem recorrente de suas perorações.

O que diz Estamira quase nunca faz sentido. Mas a questão é: o que mais faz? Já que so-

mos tão são, poderíamos tentar responder isso. Estamos no lixão do século 21. As palavras que procuram dar forma ao real não raro se atropelam, se recusam a significar. Mas também podem se arranjar em sua força com radicalidade nihilista, como nos discursos contra Deus, obscuros e sublimes.

É possível objetar que Prado cria um lixão terrivelmente fotogênico. Isso talvez seja necessário para o espectador suportar o longo convívio com essa paisagem inóspita. Pois, acima de tudo, é ela que nos informa sobre o local consignado ao povo brasileiro no novo milênio.

➔ **ESTAMIRA** ★★★★★

Direção: Marcos Prado
Produção: Brasil, 2004

Quando: a partir de hoje no Cine Bombril e no Frei Caneca Unibanco Arteplex

Fonte: Setor de Arquivo do jornal *Folha de São Paulo*

ANEXO 02

“Estamira” exhibe na tela “discurso inclassificável”

Catadora de lixo revelada em documentário de Marcos Prado intriga intelectuais

Medicada como psicótica, Estamira “não cabe em sistemas”, na opinião do filósofo Luiz Fuganti, que vê nela “potência filosófica”

SILVANA AARANTES
DA REPORTAGEM LOCAL

Por hábito da profissão de fotógrafo, Marcos Prado se atraiu primeiro pela imagem de Estamira. Até o momento em que parou para escutá-la.

Daí em diante, Prado não deixou mais de ouvi-la, durante quatro anos seguidos, no Jardim Gramacho, o lixão do Rio de Janeiro, onde ele realizava um ensaio fotográfico, e Estamira garantia sua existência garimpando raspas e restos.

O registro das conversas com o fotógrafo e cineasta, do cotidiano de Estamira, de sua relação com filhos e neto estão no documentário que leva seu nome e que estreia hoje em cinemas do Rio e de São Paulo.

“Que potência filosófica ela tem, de criar conceitos e definir modos de pensar”, disse o filósofo Luiz Fuganti, em debate sobre o filme, promovido pela **Folha**, na última terça, em SP.

O psicanalista **Contardo Calligaris**, colunista da **Folha**, ob-

servou no mesmo debate que Estamira construiu “uma cosmologia e uma cartografia” próprias. Para Fuganti, “não é o discurso de uma paranóica, não é classificável pela psiquiatria, não cabe em sistemas”.

No primeiro contato que Prado teve com Estamira no Jardim Gramacho, ela contou sua história e suas idéias sobre o mundo ao cineasta — autor de “Os Carvoeiros” (1999), que Prado co-dirigiu com seu sócio José Padilha (“Ônibus 174”).

Impressionado com a personalidade de Estamira, ou, nas palavras de Calligaris, com seus “delírios psicóticos de alta qualidade”, Prado a procurou dois meses depois, com a proposta de realizar um filme sobre sua vida. Estamira reagiu à idéia com um pensamento sobre justiça: “Tarda, mas não falha”, ela disse, segundo conta o diretor.

Na hora de entregar Estamira aos olhos e ouvidos do espectador, Prado diz ter optado por “uma montagem audaciosa, corajosa, perigosa”. Isso quer dizer que, nos primeiros minutos, há só discursos de Estamira, sem qualquer outra contextualização ou sem a idéia de “uma história”, como afirma o documentarista.

“No exterior, eu via levadas de pessoas partindo da sala”, conta o cineasta, que exibiu seu filme em diversos festivais internacionais e arrebatou 25 prêmios dentro e fora do país.

Sobre os espectadores que viravam as costas para Estamira, Prado pensava: “É a seleção natural”. Nem todos querem ou suportam ouvir o discurso ora raivoso ora doce, mas sempre enfático da catadora de lixo. Assim como nem todos suportam a convivência com o

ambiente putrefato do Jardim Gramacho. “Tem gente que não se agüenta com ele [o lixão]”, diz Estamira no filme.

Após os 20 minutos iniciais, nos quais o espectador tem contato com o pensamento puro de Estamira, Prado introduz a história de sua vida.

Aos poucos, descobre-se o histórico de distúrbio psíquico de sua mãe e o percurso dramático da vida de Estamira. Aos 12 anos, foi entregue à prostituição pelo próprio avô. Aos 17, conheceu no prostíbulo um italiano com quem se casou e teve sua primeira filha. Vem em seguida as sucessivas traições do marido, as brigas violentas, a separação, novos casamentos e novos filhos.

O filho de Estamira tentou interná-la como doente mental. É o que ela não perdoa. A filha mais nova foi entregue pelo irmão a outra família, para ser criada longe do Jardim Gramacho. “Minha mãe criou meus irmãos no lixão, acho que poderia me criar também”, diz a moça, hoje próxima da mãe.

Em montagens anteriores, Prado chegou a suprimir do filme cenas despidamente violentas de Estamira. O cineasta voltou atrás. “Descobri que não devo mitificá-la”, afirma.

R\$ 9,4 milhões em ao Cirque du Soleil publicação da reportagem do ministro da Cultura, declarou achar “a concessão de um espetáculo desbíblico restrito. Os in o Cirque du Soleil e R\$ 50 e R\$ 370.

De acordo com confirmadas agora o pedido inicial do ao Cirque du Soleil do pela CIE tinha 16,6 milhões, para listana das apresei R\$ 5,7 milhões, par da no Rio de Janeir

Um parecer téc nstério recomendi do valor de R\$ 16,6 ra R\$ 9,4 milhões.

CINEMA

Festival lista com

DA REPORTAGEM LOCAL

O 63º Festival de Veneza anunciou os filmes de sua edição que começa em 30 e vai até 9 de setembro. 21 longas de grande do mainstream, como de Palma e Stephen também de independentes como o italiano Giulio e o tailandês Api Weerasethakul.

Não há brasileiro tra principal, mas projeto de Karim (“Madame Satã”) da paralela Horizont também premia autor. “O Céu de Suébre uma jovem que ra o interior do C seu filho recém-n procura do marido.

“Nunca esteve em [o convite] foi um surpresa para man

Perversa eu não sou, mas ruim eu sou

Eu estou desgovernada

Já tive dó de Jesus e de escravo

ESTAMIRA,
catadora de lixo e tema do documentário

Fonte: Setor de Arquivo do jornal *Folha de São Paulo*

ANEXO 03



Catadora de lixo sexagenária é a principal força do longa de estreia do diretor Marcos Prado

Estamira
Documentário retrata personagem fascinante
 » Ricardo Calil

★★★★ A CRIANÇA
 L'Enfant. Bélgica/França, 2005. **Direção:** Jean-Pierre e Luc Dardenne. **Com:** Jérémie Renier e Déborah François. 95 min. 14 anos. Jovem casal que se sustenta com pequenos furtos e subsídios do governo tem a relação abalada depois que ela tem um bebê. Gemini 2, 15h50 e 19h40.

CRIME FERPEITO
 Crimen Ferpecto. Espanha/Itália, 2004. **Direção:** Álex de la Iglesia. **Com:** Guillermo Toledo, Mónica Cervera e Luis Varela. 105 min. 14 anos.

Ao realizar um ensaio fotográfico no aterro sanitário do Jardim Gramacho, em Duque de Caxias (RJ), o diretor paulista Marcos Prado (produtor de "Ônibus 174") conheceu a catadora de lixo Estamira e logo percebeu estar diante de um personagem único. Esquizofrênica e paranóica, a mulher de 60 e poucos anos revelou ser dona de um linguajar intrincado e de uma visão de mundo messiânica. "A minha missão, além de ser a Estamira, é mostrar a verdade e capturar a mentira", declara. Para tanto, luta contra os "espertos ao contrário" e os "trocadilos"—figuras indecifráveis, que evoca a todo momento. Durante dois anos, Prado

acompanhou de perto e gravou imagens da catadora de lixo para realizar o documentário "Estamira". O resultado não é um elogio da loucura, nem tampouco uma denúncia social. "Estamira" é, em essência, um filme sobre a singularidade de sua protagonista. O diretor busca uma tradução visual para o mundo bipolar em que vive sua personagem, revezando-se entre o preto-e-branco opressivo e o colorido vibrante. Ele tem êxito na tarefa. Como a mulher que lhe empresta o nome, "Estamira" é fascinante e exasperante, em momentos alternados.

Veja salas e horários na » PÁG. 13.

Fonte: Setor de Arquivo do jornal *Folha de São Paulo*

ANEXO 04

E12 ilustrada QUINTA-FEIRA, 3 DE AGOSTO DE 2006

FOLHA DE S. PAULO

CONTARDO CALLIGARIS

Mariza Dias Costa

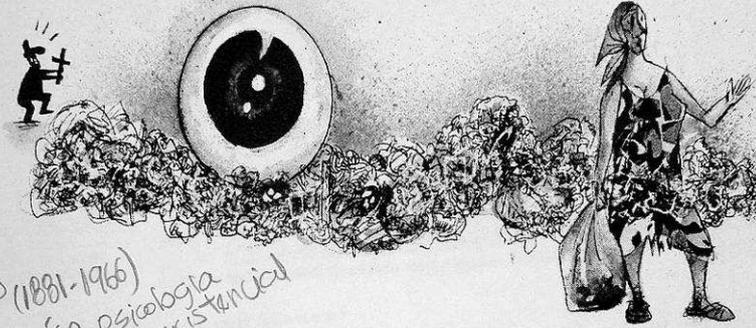
DURANTE QUATRO anos, Marcos Prado escutou Estamira, uma senhora de mais de 60 anos que vivia entre seu barraco (habitado e cuidado com a dignidade devida a uma casa) e seu lugar de trabalho (um aterro de lixo, onde ela passava dias e noites a fio).

Dessa experiência, Prado fez um filme, "Estamira", que é um extraordinário documento sobre a humanidade da loucura. Ele nos apresenta o território de Estamira (o mundo físico pelo qual ela anda), suas relações (de família e de amizade) e seu mundo íntimo, ou seja, o sentido que ela atribui ao seu ser.

Alguns psicólogos reconhecerão nessa tríade (mundo físico, relações e intimidade) as três categorias da psicologia existencial de Ludwig Binswanger. Pensei em Binswanger e na generosidade de sua clínica e de seu pensamento quando, comentando o filme, uma amiga e colega me disse: "Estamira é delirante, mas suas palavras, poéticas, fantásticas ou brutais, são coisas que ela diz não porque é psicótica, mas porque é ela, Estamira".

Que falemos lugares-comuns (como a maioria dos neuróticos) ou expressemos curiosas visões do mundo (como quem parece delirar), de qualquer forma, não há quadro clínico que possa (e deva) anular a unicidade de nossa presença no mundo, a dignidade do que se chamava, tempo atrás, nossa "pessoa".

Marcos Prado permitiu que Estamira lhe (e nos) falasse porque quis e soube escutá-la como se escuta, em princípio, um semelhante. Com isso, o filme é absolutamente imperdível para quem, "psi" ou não, esteja disposto a se aproximar da loucura,



Estamira e "Transamérica"

- ou melhor, a descobrir que o "louco" é estranhamente próximo da gente.
- A cosmologia de Estamira (o além, o além do além, o mundo abarrotado que transborda) e sua religião (uma briga constante com Deus e com o Trocadilho, face diabólica e maldita do mesmo) não são menos verossímeis do que muitas de nossas crenças. A diferença é que nossas crenças são delírios que tiveram sucesso e ganharam credibilidade por serem compartilhados pela maioria.
- Estamira (esse talvez seja o drama fundamental da loucura) deve inventar sozinha os meios de dar sen-

Odiemos o outro não por ele ser diferente, mas para ignorar que ele é parecido conosco

tido à sua presença no mundo. Ela consegue essa façanha atribuindo-se o destino de ter de transmitir o que ela vê.

O Trocadilho, ao persegui-la, lhe deu uma missão, que é (como esperar outra coisa de um deus com esse nome?) um jogo de palavras: Estamira é esta mira, o olhar que tudo vê

e tudo deve revelar.

Missão cumprida, graças a Marcos Prado.

Corolário: quem não acredita na reforma psiquiátrica veja o filme e se pergunte: será que nossa sociedade pode tolerar a loucura só na margem extrema (o além do além) do lixo ou na clausura dos hospícios?

Quero mencionar um outro filme, antes que saia de cartaz. "Transamérica", de Duncan Tucker, é uma ficção e, à primeira vista, pouco tem a ver com "Estamira". Salvo que ambos os filmes nos forçam a descobrir destinos e jeitos de estar no mundo

que são, no melhor dos casos, objetos de nossos olhares compassivos ou, mais freqüentemente, de exclusão, zombaria e ódio.

O ódio, nesses casos, é o índice de uma cegueira proposital: odiamos o outro não por ele ser diferente de nós, mas para poder ignorar que ele é parecido conosco.

O herói (ou a heroína) de "Transamérica" é um transexual que, na hora em que obtém, enfim, o direito de ser operado e mudar de gênero, descobre que é pai de um filho adolescente. Difícil assistir ao filme sem entender de vez o seguinte: o drama de quem vive num corpo que lhe parece estrangeiro (por ser de um gênero no qual ele não se reconhece) tem pouco a ver com os avatares do desejo sexual. É um drama de identidade.

Algumas leituras para a fila do cinema. A Martins Fontes publica os seminários de Michel Foucault: no ano passado, "Os Anormais" e, neste ano, "O Poder Psiquiátrico". O Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos acaba de publicar "Política, Direitos, Violência e Homossexualidade, Pesquisa na Nona Parada do Orgulho GLBT São Paulo 2005", de Carrara, Ramos, Simões e Facchini. A pesquisa confirma que, em matéria de discriminação, o transexual, que discorda de seu próprio gênero, é a vítima preferida.

É difícil abandonar o conforto da crença de que nós somos os "normais". Mais difícil ainda é admitir que a anatomia de nosso corpo possa não bastar para nos dar a certeza de que somos homem ou mulher.

ccalligari@uol.com.br

Fonte: Setor de Arquivo do jornal *Folha de São Paulo*

ANEXO 05

FOLHA DE S. PAULO

CINEMA 1

Folha promove hoje pré-estréia de "Estamira"

DA REPORTAGEM LOCAL

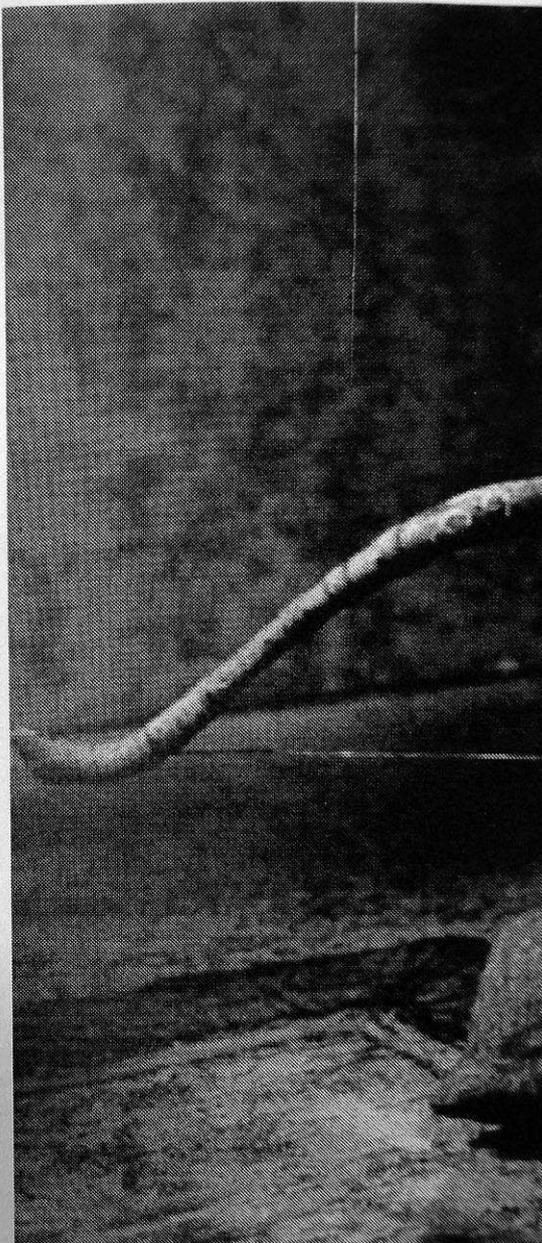
O Projeto Folha Documenta, parceria da **Folha** e do Cine Bombril, apresenta hoje a pré-estréia gratuita de "Estamira", de Marcos Prado.

No documentário, Prado apresenta dona Estamira, senhora que sofre de esquizofrenia e, aos 63 anos, lidera uma pequena comunidade de idosos num aterro sanitário do Rio de Janeiro.

Após a sessão, que começa hoje às 19h30 na sala 1 do Cine Bombril, haverá um debate que conta com a participação do psicanalista Contardo Calligaris, colunista da **Folha**, do filósofo Luiz Fuganti e do diretor do filme.

O Projeto Folha Documenta promove exibições diárias de documentários no Cine Bombril, localizado no Conjunto Nacional (av. Paulista, 2.073, tel. 0/xx/11/3285-3696).

Quem quiser assistir ao longa-metragem de Marcos Prado deve retirar ingressos com uma hora de antecedência na bilheteria do cinema.



Cena do curta "Fusha No Sha", de Kihachiro Ka

ANEXO 06

'Estamira' vence Festival de Marselha

AMIR LABAKI

DA EQUIPE DE ARTICULISTAS, DE MARSELHA

O documentário brasileiro "Estamira", de Marcos Prado, sagrou-se anteontem como o grande vencedor da mostra competitiva internacional do 16º Festival Internacional de Documentários de Marselha, no sul da França.

O filme acumulou o prêmio de melhor filme pelo júri internacional e o prêmio de melhor filme de pesquisa de linguagem.

Premiado no ano passado no Festival do Rio e na Mostra Internacional de São Paulo, o longa acompanha por quatro anos os altos e baixos de uma sexagenária, que enfrenta problemas psicológicos e desafios da miséria no Rio de Janeiro de hoje.

"Estamira" está sendo exibido nesta semana também dentro do ciclo de documentários brasileiros contemporâneos do festival Paris Cinéma.

Não se limitou a "Estamira" a participação brasileira em Marselha, o segundo festival francês mais importante para a produção não-ficcional, iniciado no último dia 1º e encerrado ontem.

O cineasta Eduardo Coutinho ("Cabra Marcado para Morrer") participou do júri internacional e exibiu seu mais recente filme, "Peões" (2004), sobre a vida sindical do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A mostra especial "Abertura, le Cinema de Louverture (1965-1984)", com curadoria do crítico



Cena do documentário 'Estamira', de Marcos Prado, que mostra a vida de uma sexagenária no Rio

Jean-Claude Bernardet, destacou ainda uma série de quatro documentários que se complementam na formação de um retrato da trajetória de Lula, da migração do Nordeste para São Paulo nos anos 1960 à liderança do movimento operário no ABC dos anos 1970-

1980.

O triunfo de "Estamira" confirma a boa fase internacional do documentário brasileiro. No ano passado, "Justiça", de Maria Augusta Ramos, venceu dois festivais internacionais de peso, Nyon (Suíça) e Taipei.

Já "O Prisioneiro da Grade de Ferro" valeu a Paulo Sacramento o prêmio de melhor diretor estreado no festival Tribeca, em Nova York (EUA).

O jornalista Amir Labaki viajou a Marselha a convite do festival e do Ministério da Cultura do Brasil.

Fonte: Setor de Arquivo do jornal *Folha de São Paulo*

ANEXO 07

acompanha quatro soldados em frentes de combate. (SÉRGIO RIZZO)

Documentário

Estamira

MARCOS PRADO

Distribuidora: Europa; Quanto: só locação

Avaliação: regular

Premiado em todos os festivais que disputou, "Estamira" é, salvo engano, o filme mais superestimado dos últimos tempos. Ao retratar a catadora de lixo Estamira, o documentário vê sua psicose como uma espécie de iluminação.

Suas frases desconexas e apocalípticas são elevadas a discursos visionários. E o lixão onde ela vive, filmado num preto-e-branco granuloso, ganha dimensões metafísicas. Para pôr os pés no chão e lembrar que lixo é lixo e loucura é loucura, uma boa pedida é ver "Boca de Lixo" (1992), de Eduardo Coutinho, e "Imagens do Inconsciente" (1986), de Leon Hirszman. (JOSÉ GERALDO COUTO)



Série de TV

NCIS - 3ª Temporada

DONALD P. BELLISÁRIO E DON MCGILL



500 milhões em
mundo. Um "e
foi ter apresen
britânico Sach
35, comediante

TV PAGA
SERIE SO
PERSON

Persona
Reino Uní
Sacha Bar
sou a ser v
são brasile
no canal p
22h30 de t
foi produzi
mente par
Channel 4,
"Da Ali G S
bida em 20
va versão fo
TV america

ANEXO 08

no, pois havia descoberto e o in- rido que a rainha se achou depois no decorrer de dois banquetes

PANOR

CINEMA 1 Havana premia "Entreatos" e "Estamira"

Os filmes brasileiros "Entreatos" (2004), de João Moreira Salles, que aborda o cotidiano de Lula durante os últimos dias da campanha de 2002, e "Estamira" (2004), de Marcos Prado, que retrata uma mulher de 63 anos de idade diagnosticada como esquizofrênica, levaram o segundo e o terceiro lugares, respectivamente, na categoria de documentário do 27º Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano de Havana. O evento cubano estava programado para terminar na sexta-feira, após exibir cerca de 200 filmes.

CINEMA 2 Diretor de 'Super S

O documentarista norte-americano realizou um documentário político sobre o governo dos EUA acerca do lock out da indústria de cinema. O filme "Super Size Me - A Dieta do Palhaço" foi um sucesso de vendas em 2005 e em 2006 pelo cineasta.



Fonte: Setor de Arquivo do jornal *Folha de São Paulo*

ANEXO 09

Digital Collections DC5: Textos O Globo/Extra/Expresso

Página 1 de 3

Pesquisa

Coleções

Mais recentes

Usuário atual: Atendimento da
Telefoto.Pesquisar em: Textos O
Globo/Extra/Expresso

Filtro:

« < Página 91 de 92 > » Acervos: Textos O
Globo/Extra/Expresso - 92 documento(s) encontrado
(s).

Texto completo: "estamira", Data: "Qualquer data", Data de:
"01/01/2004", Data até: "31/12/2007"

Produto: O Globo

Data de Publicação: Sábado 18 Setembro 2004

Página: 3

Edição: 1

Editoria: Marketing

Caderno: Caderno Especial:Suplemento Especial:Projetos de Marketing:Festival do Rio

Coluna/Seção:

Fonte: Local

Crédito:

Tipo de matéria: Reportagem

Chamada:

Série:

PREMIÈRE BRASIL

Cardápio nacional incrementado

O cinema brasileiro, todo mundo sabe, vai muito bem, obrigado. Filmes como "Cazuza - O tempo não pára" e "Olga" estão arrasando nas bilheterias, a imprensa estrangeira não se cansa de elogiar os nossos diretores e dezenas de novas produções pipocam país afora. Em sintonia com esse bom momento, a programação da Premiãre Brasil foi ampliada: este ano serão exibidos 28 longas-metragens, sete a mais do que em 2003. Também serão exibidos 21 curtas.

Os filmes estão distribuídos pelas seguintes mostras: Hors-Concours e Retratos e as competitivas longas de ficção, longas documentários e curtas. No cardápio, muitos cineastas estreando em longa (na mostra ficção metade deles estão debutando) e diversidade de temas e estilos. Na competitiva de ficção, serão exibidos os novos trabalhos de Domingos Oliveira ("Feminices"), Sylvio Back ("Lost Zweig"), Lúcia Murat ("Quase dois irmãos") e Helena Solberg ("Vida de menina").

Entre as produções de diretores estreantes estão "Nina", adaptação livre de "Crime e castigo", de Dostoiévski, feita por Heitor Dhalia; "O diabo a quatro", comédia de Alice de Andrade sobre três homens que se apaixonam pela mesma mulher; "Contra todos", de Roberto Moreira, no qual um casal tenta recomeçar sua vida depois de um crime; e "Ódiquê?", de Felipe Joffily, sobre três jovens que acabam se envolvendo com roubo e

Menu

Pesquisar

Nova busca
Atualizar
Ativar atualização automática

Métodos

Adicionar à coleção
Criar coleção
Localizar documentos similares
Número total
Todos os resultados na coleção.

Coleções

Ana

Exibir coleção

Página 1 de 3

05/09/2008 O novo drama de
Jade07/11/2008 Processo contra Jade
e Daiane17/12/2007 PRÊMIO BRASIL
OLÍMPICO09/01/2009 Jade fora da primeira
seletiva

03/02/2008 Esporte



Digital Collections

seqüestro por causa de dinheiro.

Também será exibido "Filhas do vento", filme de Joel Zito Araújo que ganhou seis Kikitos no último Festival de Gramado. Os documentários que estão competindo são "Morte densa", de Jurandir Müller e Kiko Goifman, que traça um perfil de pessoas que mataram uma vez em suas vidas; "Estamira", de Marcos Prado, que retrata uma mulher esquizofrênica que trabalha há 20 anos num aterro sanitário; "Fábio Fabuloso", de Antonio Ricardo, Pedro Cezar e Ricardo Bocão, que mostra a trajetória do maior surfista brasileiro de todos os tempos; "Mensageiras da luz: Parteiras da Amazônia", de Evaldo Mocarzel, sobre um grupo de parteiras do Amapá; "A pessoa é para o que nasce", de Roberto Berliner, que acompanha o dia-a-dia de três irmãs cegas; e "Soldado de Deus", de Sérgio Sanz, que conta a história do integralismo.

Incrementando ainda mais a programação, a mostra hors-concours traz produções aguardadas como "Bens confiscados", de Carlos Reichenbach, e "Motoboys: Vida loca", de Caio Ortiz. A mostra Retratos mais uma vez exhibe filmes sobre personalidades que influenciaram o Brasil. Por fim, há os 21 curtas, selecionados entre 160 inscritos. Alguns curtas serão exibidos em bloco. Outros vão passar antes dos hors-concours e dos filmes da mostra Retratos.

Legenda da foto: NINA

Legenda da foto: FILHAS DO VENTO

Legenda da foto: LOST ZWEIG

Legenda da foto: ÓDIQUÊ?

Legenda da foto: QUASE DOIS IRMÃOS

Legenda da foto: SUBTERRÂNEOS

Legenda da foto: VIDA DE MENINA

Legenda da foto: CONTRA TODOS

Legenda da foto: O DIABO A QUATRO

Legenda da foto: FEMINICES

Identidade: Festival do Rio: Festival do Rio BR: FestRio: Festival de Cinema do Rio de Janeiro 2004

País:

Região:

Cidade:

Local:

Assunto:

Palavra-chave: Evento, Festival, Cinema, Cinema Nacional, Filme, Longa-Metragem

Termo candidato:

0 visualizações

ANEXO 10

Digital Collections DC5: Textos O Globo/Extra/Expresso

Página 1 de 3

Pesquisa

Coleções

Mais recentes

Usuário atual: Atendimento da
Telefoto.Pesquisar em: Textos O
Globo/Extra/Expresso

Filtro:

« < Página 75 de 92 > » Acervos: Textos O
Globo/Extra/Expresso - 92 documento(s) encontrado
(s).

Texto completo: "estamira", Data: "Qualquer data", Data de:
"01/01/2004", Data até: "31/12/2007"

Produto: O Globo
Data de Publicação: Segunda-Feira 18 Julho 2005
Página: 8
Edição: 1
Editoria: Segundo Caderno
Caderno: Segundo Caderno
Coluna/Seção:
Fonte: Local
Crédito: Jaime Biaggio
Tipo de matéria: Reportagem
Chamada:
Série:

'Estamira', documentário premiado e sem distribuidor, tem sessão hoje

Sessão é parte dos destaques do VII Festival de Cinema Ambiental

De hoje a quarta-feira, o Arte SESC (Rua Marquês de Abrantes, 99) exibe de graça os destaques da sétima edição do FICA - Festival Internacional de Cinema Ambiental, que acontece todo ano em Goiás. No meio de uma série de curtas e médias-metragens, filmes cuja plataforma natural de exibição é a dos festivais mesmo, está um longa-metragem de impacto já comprovado, e que no entanto permanece inédito em circuito no Brasil.

Tenho um acordo verbal com a Riofilme, mas meu filme é um de 19 que estão na prateleira, prontos para serem lançados, só que não existe verba para isso - lamenta Marcos Prado, diretor de "Estamira", escolhido melhor documentário pelo júri oficial do Festival do Rio 2004, e que abre a sessão de hoje, às 18h (composta por mais dois curtas, "Umbrella" e "Icologia", e um média-metragem, "A carne é fraca").

Lixão rendeu um livro-ensaio, lançado este ano

Bem-recebido pelo público da Premiãre Brasil do Festival do Rio, e já detentor de 12 prêmios, inclusive alguns internacionais (foi eleito o melhor documentário no tradicional festival de Karlovy Vary, na República Tcheca), "Estamira" é um perfil da personagem-

Menu

Pesquisar

Nova busca
Atualizar
Ativar atualização automática

Métodos

Adicionar à coleção
Criar coleção
Localizar documentos similares
Número total
Todos os resultados na coleção.

Coleções

Ana

Exibir coleção

Página 1 de 3 > >>

05/09/2008 O novo drama de
Jade

07/11/2008 Processo contra Jade
e Daiane

17/12/2007 PRÊMIO BRASIL
OLÍMPICO

09/01/2009 Jade fora da primeira
seletiva

03/02/2008 Esporte



Digital Collections

título e, através dela, um retrato da miséria no Brasil. Dona **Estamira** vive às margens do lixão de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, e de lá tira seu sustento catando lixo. Marcos Prado, que lançou este ano um livro-ensaio sobre o local, "Jardim Gramacho", com fotos que documentam desde 1993 sua transformação em aterro sanitário, a conheceu no processo de preparação do livro.

Eu vinha fotografando o local há anos, mas não era fácil fazer perfis - conta ele. - Eu vivia sendo ameaçado, as pessoas diziam que não queriam ser fotografadas porque eram fugitivas da Justiça ou algo assim. Em 2000, percebendo que estavam faltando ao livro fotos menos gerais, retratos, voltei lá para tentar fazer alguns. Foi nessa ocasião que conheci a dona **Estamira**.

Desde o primeiro contato, a senhora de 63 anos, **esquizofrênica**, revelou-se uma personagem rica.

Eu perguntei se podia fotografá-la, ela disse que sim, mas que depois queria que eu me sentasse do lado dela, porque ela tinha umas coisas para me contar - lembra o diretor. - E começou com aquela narrativa poético-metafórica genial que ela tem.

De 2000 a 2004, Marcos Prado a fotografou e filmou várias vezes, no lixão, onde dormia a céu aberto de duas a três semanas seguidas, e no barraco em que morava em Campo Grande, comprado com o dinheiro conseguido como catadora. Passou três Natais com ela, conheceu seus três filhos, cujas respectivas relações com a mãe vão da tranqüila à conflituosa, e documentou seu tratamento contra a **esquizofrenia** com remédios de tarja preta. Tratamento esse através do qual ela não parece ter melhorado.

O filme segue mais ou menos uma ordem cronológica e é perceptível como ela piora - conta Marcos. - Ela engorda e perde aquele poder de narrativa que tinha. E, nos depoimentos, ela revela consciência disso.

O envolvimento do diretor com sua personagem ultrapassou totalmente o molde da relação estudioso-objeto-de-estudo. Marcos Prado construiu uma pequena casa de verdade para dona **Estamira** em Campo Grande, e até hoje lhe dá uma ajuda financeira mensal.

Ela diz no filme, em dado momento, que a missão dela no mundo é revelar a verdade e cobrar dos outros - conta ela. - E um dia me disse "sua missão é revelar minha missão".

Legenda da foto: DONA **ESTAMIRA** em Jardim Gramacho: narrativa poético-metafórica

Identidade: Marcos Prado, Arte SESC, FICA - Festival Internacional de Cinema Ambiental 7, **Estamira**

País:

Região:

Cidade: Rio de Janeiro

Local:

Assunto:

Palavra-chave: Evento, Festival, Cinema, Filme, Documentário, Ecologia, Meio Ambiente

Termo candidato:

0 visualizações

Documentos associados:

Fonte: Setor de Arquivo do jornal *O Globo*

ANEXO 11

Digital Collections DC5: Textos O Globo/Extra/Expresso

Página 1 de 2

Pesquisa

Coleções

Mais recentes

Usuário atual: Atendimento da
Telefoto.

Pesquisar em: Textos O
Globo/Extra/Expresso

Filtro:

« « Página 68 de 92 » » Acervos: Textos O
Globo/Extra/Expresso - 92 documento(s) encontrado
(s).

Texto completo: "estamira", Data: "Qualquer data", Data de:
"01/01/2004", Data até: "31/12/2007"

Produto: O Globo

Data de Publicação: Domingo 2 Julho 2006

Página: 15

Edição: 1

Editoria: Jornais de Bairro

Caderno: Baixada

Coluna/Seção: Lazer

Fonte: Local

Crédito: Thaíse Ramos

Tipo de matéria: Reportagem

Chamada:

Série:

Lixão de Caxias brilha no cinema

O documentário 'Estamira', de Marcos Prado, entra em cartaz nos cinemas de Rio e São Paulo no dia 28

O Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, ganhará as telas dos cinemas do Rio e de São Paulo no próximo dia 28. O documentário "Estamira", do fotógrafo Marcos Prado, conta a história de uma mulher de 63 anos que sofre de **distúrbios mentais** e vive e trabalha no lixão há mais de 20 anos.

Em 1994, decidi conhecer de perto o lixão. Fotografei durante três anos o cotidiano de Jardim Gramacho, e, em 1996, recebi o IX Prêmio Marc Ferrez de Fotografia - conta Prado.

Ao longo dos anos, ele voltou várias vezes ao lixão para fotografar e, em 2000, conheceu **Estamira**.

Um dia, encontrei esta senhora. Ela me contou que morava num castelo todo enfeitado com objetos que encontrava no lixo e que tinha uma missão na vida: revelar e cobrar a verdade. Tempos depois, ela me perguntou se eu sabia qual era a minha missão. Antes que eu respondesse, **Estamira** disse: a sua missão é revelar a minha missão - conta Prado.

Menu

Pesquisar

Nova busca

Atualizar

Ativar atualização automática

Métodos

Adicionar à coleção

Criar coleção

Localizar documentos similares

Número total

Todos os resultados na coleção.

Coleções

Ana

Exibir coleção

Página 1 de 3

05/09/2008 O novo drama de
Jade

07/11/2008 Processo contra Jade
e Daiane

17/12/2007 PRÊMIO BRASIL
OLÍMPICO

09/01/2009 Jade fora da primeira
seletiva

03/02/2008 Esporte



Digital Collections

ANEXO 11

O filme recebeu 23 prêmios nacionais e internacionais. Só em 2005, o de melhor documentário, no Festival do Rio; e os grandes prêmios de Marseille e de Nuremberg.

Legenda da foto: O FOTÓGRAFO Marcos Prado (acima) conheceu **Estamira** (ao lado) em 2000 no lixão de Gramacho. A mulher de 63 anos tem a sua história de vida contada no filme

thaise.ramos.personaleoglobo.com.br

Identidade: Marcos Prado, **Estamira**, IX Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, Festival do Rio

País:

Região:

Cidade:

Local:

Assunto:

Palavra-chave: Cinema, Cinema, Filme, Documentário, Fotografia, Premiação, Evento, Festival

Termo candidato:

0 visualizações

Documentos associados:



« < **Página 68** de 92 > » **Acervos: Textos O Globo/Extra/Expresso - 92 documento(s) encontrado(s).**



ANEXO 12

Digital Collections DC5: Textos O Globo/Extra/Expresso

Página 1 de 3

Pesquisa

Coleções

Mais recentes

Usuário atual: Atendimento da
Telefoto.Pesquisar em: Textos O
Globo/Extra/Expresso

Filtro:

« < Página 65 de 92 > » Acervos: Textos O
Globo/Extra/Expresso - 92 documento(s) encontrado
(s).

Texto completo: "estamira", Data: "Qualquer data", Data de:
"01/01/2004", Data até: "31/12/2007"

Produto: O Globo
Data de Publicação: Quinta-Feira 27 Julho 2006
Página: 2
Edição: 1
Editoria: Segundo Caderno
Caderno: Segundo Caderno
Coluna/Seção:
Fonte: Local
Crédito: Suzana Velasco
Tipo de matéria: Reportagem
Chamada:
Série:

'Estamira' leva o imaginário ao lixão

Premiado documentário mostra a sobrevivência de uma mulher em meio à miséria

"Tudo que é imaginário tem, existe, é", diz **Estamira** Gomes de Souza, hoje aos 65 anos, pele bem marcada pelo tempo. Depois de seis anos fotografando o lixão de Jardim Gramacho, Marcos Prado percebeu que faltava ali o imaginário. Não havia pessoas em seu ensaio fotográfico, apenas lixo. Em 2000, ele voltou ao lugar inóspito para buscar alguma subjetividade. Encontrou **Estamira**.

Pedi licença para fotografá-la, e ela aceitou, mas pediu que eu me sentasse ao seu lado e começou a falar por metáforas e neologismos. Ela disse que a minha missão era revelar a sua missão. Fiquei maravilhado - diz Prado, cujo projeto fotográfico ganhou o prêmio Marc Ferrez em 1996, resultando no livro "Jardim Gramacho".

Foi o encantamento de Prado que deu origem a "**Estamira**", documentário que estréia amanhã no Rio e em São Paulo, resultado de quatro anos de convivência com a senhora que se dividia entre o lixão e o barraco em Campo Grande. O filme mostra sobretudo - e sem tentativa de ordenação ou explicação lógica - seu discurso eloquente, por vezes agressivo, por vezes poético, por vezes perturbado, por vezes coerente ainda que completamente subjetivo. E seu trabalho e convívio social no lixão, acompanhados por Prado de 2000 a 2004, sua relação com os filhos, sua revolta com Deus e as consequências de seu tratamento **psiquiátrico**.

Menu**Pesquisar**

Nova busca
Atualizar
Ativar atualização automática

Métodos

Adicionar à coleção
Criar coleção
Localizar documentos similares
Número total
Todos os resultados na coleção.

Coleções

Ana

Exibir coleção

Página 1 de 3

05/09/2008 O novo drama de
Jade

07/11/2008 Processo contra Jade
e Daiane

17/12/2007 PRÊMIO BRASIL
OLÍMPICO

09/01/2009 Jade fora da primeira
seletiva

03/02/2008 Esporte



Digital Collections

A **Estamira** se reconstruiu no lixo", diz o cineasta

"**Estamira**" é antes de tudo um filme apaixonado, e o cineasta tem orgulho disso. Foi essa paixão que lhe rendeu 25 prêmios no mundo todo - entre eles os dos festivais de cinema de Rio, São Paulo, Marselha, Toulouse, Havana e Viena - mas também críticas.

Corri todos os riscos que um cineasta de primeiro filme não podia correr - diz Prado, que em 1998 co-produziu o documentário "Os carvoeiros", também baseado num premiado ensaio fotográfico próprio. - Ouvi muitas críticas de muita gente. Fui acusado de estetizar a miséria, mas não acho que o filme faça isso. O filme é cru, é granuloso. Mas é bem filmado, sou fotógrafo, vou negar? Fiz bem. Mostro cavalo morto, cenas nuas e cruas, mas quando o sol se põe tudo fica lindo, até o lixão, não posso mudar isso. Não acho que fui apelativo em momento algum. Não queria ser perfeito o tempo todo, queria narrar uma história. Fui acusado de inventar a cena da praia para criar um efeito estético, mas foi a **Estamira** quem me pediu para ir até lá.

O cineasta conheceu **Estamira** quando ela começava o tratamento para esquizofrenia e a sentir os efeitos colaterais dos remédios. Desde então, foram 120 horas de filmagens, três Natais, muitas idas ao lixão. Prado só foi entrevistar os filhos no segundo ano de convivência, mas não quis fazer um documentário de entrevistas e explicações sobre sua perturbação mental, apesar de inserir relatos de sua história de vida e questionar a forma como **Estamira** era atendida.

Sempre achei que ela era especial, sensível e muito criativa. Por que ela é louca? Fiquei me questionando muito sobre a loucura e comecei a pesquisar. Como alguém com distúrbio pode ver o médico de 40 em 40 dias? Ela não tinha acompanhamento, tomava doses extras e tinha dores horríveis - diz Prado, que montou o filme em ordem cronológica para mostrar as nuances de **Estamira** ao longo do tratamento, hoje pago por ele a um médico particular, que a vê semanalmente. - Criamos um vínculo de amizade que extrapolou totalmente o filme.

Seja lá que nome tenha, a perturbação de **Estamira** perpassa todo o filme, ainda que Prado tenha ficado tentado a preservá-la, numa certa idealização da mulher a quem se refere constantemente como genial:

Ela foi a primeira a ver o filme e se reconheceu ali, disse que a missão estava cumprida. Depois achei que a estava expondo demais, entrei em crise de consciência, e retirei duas cenas fortes. Mas resolvi voltar à primeira versão. Não podia mitificar a **Estamira**.

As cenas mostram comportamentos bem agressivos, que, segundo Prado, foram atenuados com os remédios. Apesar disso, o cineasta deixa ver que tem uma certa saudade da **Estamira** de antes. Hoje, ela não frequenta mais o lixão, e Prado diz que, mesmo sendo degradante trabalhar catando lixo, foi em Jardim Gramacho onde ela pôde ter um convívio social, relacionando-se com outros catadores.

A **Estamira** se salvou por causa do lixo. Ela era uma mendiga, mas se recriou e se reconstruiu no lixo - diz ele, que atualmente a sustenta. - Hoje, sua criatividade diminuiu. Mas, se ela quer e busca esses remédios, é ela quem sabe. Será que ela não era mais feliz gritando no lixão? Não sei. Tem que perguntar para ela.

Legenda da foto: MARCOS PRADO em frente a uma foto de **Estamira**: "Fiquei maravilhado"

Identidade: **Estamira** Gomes de Souza, Marcos Prado, **Estamira**

CINEMA

A IDÉIA DE MOSTRAR a vida de uma senhora **esquizofrênica** que vive do (e no) lixo, com cenas coloridas e em preto-e-branco, dividiu os Bonequinhos. Eros Ramos de Almeida adorou: "Com imagens tão fortes quanto belas, 'Estamira' enfatiza o quanto é tênue o limite entre sabedoria e **loucura**." Bruno Porto torceu o nariz: "Prado fez um filme sem contrastes e com poucos contrapontos." Aos Bonequinhos, então.

ANEXO 13



Fotos de divulgação

ESTAMIRA, PERSONAGEM central do documentário de Marcos Prado, no Aterro Sanitário de Gramacho

Dignidade além do lixo

Eros Ramos de Almeida



ESTAMIRA. "Não existem mais inocentes. Hoje, só existe esperto ao contrário." Proferida por Estamira, personagem central do documentário homônimo, a frase revela a triste sapiência típica de uma xamã que flutua entre a profecia e a **demência**.

Estamira é uma mulher que recuperou a dignidade perdida colhendo dejetos no Aterro Sanitário de Gramacho, em Duque de Caxias. É exatamente onde a gente joga tudo que acha que não presta mais que esta senhora de 63 anos refez sua vida, descobriu amigos e um sentido para viver.

Com uma direção sensível, Marcos Prado extrai de "Estamira", seu primeiro documentário solo (ele divide a assinatura de outro *doc*, "Os pantaneiros", com José Padilha), um caudaloso sumo de dor e superação.

Depois de sofrer o diabo em dois casamentos e de ser esturpada duas vezes, Estamira começa a dar sinais de **esquizofrenia** e parte rumo ao lixão, onde trabalhou por 20 anos e juntou o suficiente para comprar um terreno e construir um barraco em Campo Grande, Zona Oeste do Rio.

Longe de traír a realidade, o documentário aproxima-se da mais inventiva ficção — é difícil imaginar que exista alguém como Estamira.

Com imagens tão fortes quanto belas, "Estamira" enfatiza o quanto é tênue o limite entre a sabedoria e a **loucura**.

X



ESTAMIRA. Fazer um documentário sobre um personagem que vive à margem da sociedade implica numa série de riscos. O mais comum deles é a perda do distanciamento. Este primeiro longa-metragem dirigido por Marcos Prado tem nesse problema a sua maior fraqueza. Ao fim de seus 115 minutos, fica claro que Prado se apaixonou por dona Estamira. Pela sua história trágica, pelo seu discurso poético, pela sua eloquência.

Não há como criticar uma pessoa por se envolver com um personagem forte. O problema é que essa paixão comprometeu o resultado do do-

documentário. Por causa desse envolvimento, Prado fez um filme sem contrastes e com poucos contrapontos, que começa redundante e acaba se tornando cansativo.

Em vez de explorar a força e as contradições da personalidade e do discurso da catadora de lixo, Prado praticamente compra a idéia de que dona Estamira é uma espécie de profeta dos desvalidos.

A opção de usar o lixão de Gramacho (que já rendeu um sem-número de curtas-metragens, vale lembrar) como cenário também se revela equivocada. O lugar deveria dialogar com o discurso da personagem, traduzindo em imagens seu estado de espírito. O lixão que vemos na tela, no entanto, arrancará comentários culpados e nada mais.

Uma paixão prejudicial

Bruno Porto

ANEXO 14

Digital Collections DC5: Textos O Globo/Extra/Expresso

Página 1 de

Pesquisa Coleções Mais recentes Usuário atual: Atendimento Telefoto.

Pesquisar em: Textos O Globo/Extra/Expresso

Filtro:

« « Página 53 de 92 » » Acervos: Textos O Globo/Extra/Expresso - 92 documento(s) encontrado(s).

Texto completo: "estamira", Data: "Qualquer data", Data de: "01/01/2004", Data até: "31/12/2007"

Produto: O Globo
 Data de Publicação: Domingo 6 Agosto 2006
 Página: 14
 Edição: 1
 Editoria: Jornais de Bairro
 Caderno: Zona Oeste
 Coluna/Seção: Lazer
 Fonte: Local
 Crédito:
 Tipo de matéria: Reportagem
 Chamada:
 Série:

História de vida no lixão

Documentário 'Estamira', de Marcos Prado, vai ser exibido a partir de sexta-feira nas lonas culturais da região

Ganhador de 23 prêmios nacionais e internacionais - só em 2005, o de melhor documentário, no Festival do Rio; e os de Marseille e de Nuremberg - o documentário "Estamira", do fotógrafo Marcos Prado, será apresentado, com entrada franca, nas lonas culturais da Zona Oeste, a partir de sexta-feira, como parte do projeto Pipoca, da prefeitura. O documentário mostra a vida da catadora de lixo do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, que ali passou duas décadas, vivendo do que conseguia recolher e vender.

Depois de seis anos fotografando o lixão de Jardim Gramacho, Prado conheceu **Estamira**, em 2000, e se encantou com a história da mulher que é uma mistura de profetisa com poeta socialista. Foram quatro anos de filmagens entre o lixão e o barraco de **Estamira** em Campo Grande - que foi comprado com o dinheiro da venda do lixo.

O documentário levanta questões que vão desde o destino do lixo produzido pelas metrópoles até os subterfúgios encontrados pela mente humana para enfrentar uma realidade insuportável de ser vivida.

Menu

Pesquisar

Nova busca
 Atualizar
 Ativar atualização automática

Métodos

Adicionar à coleção
 Criar coleção
 Localizar documentos similares
 Número total
 Todos os resultados na coleção.

Coleções

Ana

Exibir coleção

Página 1 de 3

05/09/2008 O novo drama de Jade

07/11/2008 Processo contra Jade e Daiane

17/12/2007 PRÊMIO BRASIL OLÍMPICO

09/01/2009 Jade fora da primeira seletiva

03/02/2008 Esporte

DC
 Digital Collections

Entre neologismos e metáforas, **Estamira**, que teve dois casamentos fracassados e sofreu dois estupros, conquista quem a ouve com frases como "Eu, **Estamira**, sou a visão de cada um. Ninguém pode viver sem mim" e "Todos os homens têm que ser iguais, têm que ser comunistas". No filme, é possível acompanhar, em ordem cronológica, o desenvolvimento da sua **esquizofrenia**, documentada em cenas ora preto-e-brancas, ora coloridas, nas quais **Estamira** aparece em meio a **delírios**. Contraditoriamente, porém, ela se salvou graças ao lixo: em **Gramacho**, relacionou-se com outros catadores e venceu adversidades.

O filme será exibido sexta-feira, às 19h, na Lona Sandra de Sá, em Santa Cruz. Na segunda, no mesmo horário, a projeção será na Lona Hermeto Pascoal (Bangu). Na terça, dia 22, às 19h, será a vez de os moradores de Realengo assistirem ao documentário, na Lona Cultural Gilberto Gil. E dia 23, às 20h, na Lona Elza Osborne, em Campo Grande, o filme encerrará a temporada nas lonas.

Legenda da foto: **ESTAMIRA**: **esquizofrenia**, profecias sociais e metáforas

Identidade: Marcos Prado, **Estamira**, LOna Cultural Gilberto Gil

País:

Região:

Cidade:

Local:

Assunto:

Palavra-chave: Fotografia, Fotógrafo, Cinema, Filme, Documentário, Premiação, Lixo, Aterro Sanitário, Música

Termo candidato:

0 visualizações

Documentos associados:



ANEXO 15

Digital Collections DC5: Textos O Globo/Extra/Expresso

Página 1 de 3

Pesquisa

Galerias

Coleções

Mais recentes

Usuário atual: Marcelo Rosa Campos.

Pesquisar em: Textos O
Globo/Extra/Expresso

Filtro:

« < Página 26 de 92 > » Acervos: Textos O
Globo/Extra/Expresso - 92 documento(s) encontrado
(s).

Texto completo: "estamira", Data: "Qualquer data", Data de:
"01/01/2004", Data até: "31/12/2007"

Produto: O Globo

Data de Publicação: Sábado 30 Dezembro 2006

Página: 1

Edição: 1

Editoria: Segundo Caderno

Caderno: Segundo Caderno

Coluna/Seção:

Fonte: Local

Crédito:

Tipo de matéria: Reportagem

Chamada: 1 página:PP:Primeira Página

Série:

ANEXO 15

OA MELHORES DE 2006 NO CINEMA

OS INFILTRADOS: Apoiado no elenco dos sonhos de qualquer superprodução - Jack Nicholson, Leonardo DiCaprio, Matt Damon, Mark Wahlberg, Martin Sheen e Alec Baldwin -, o veterano Martin Scorsese provou que cineastas de ambições autorais também são capazes de assinar blockbusters de deixar os exibidores saltando de alegria. E sem abrir mão de suas questões estéticas mais radicais. Em cerca de dois meses, o filme faturou cerca de US\$120 milhões, só nos EUA. No Brasil o sucesso se repete. Baseado em "Conflitos internos", um thriller de Hong Kong, o longa foi o preferido dos Bonequinhos do GLOBO em 2006.

O CÉU DE SUELY: Ter rifado seu próprio sexo em uma noite de amor é apenas um detalhe na biografia de Hermila. Segundo o diretor Karim Ainouz, que ganhou o prêmio de melhor filme e diretor no Festival do Rio 2006, seu segundo longa-metragem é, antes de tudo, a história da busca de um sonho.

2046: Muitos não entenderam. Mas poucos ficaram indiferentes a esta experiência narrativa de Wong Kar-Wai, calcada nas gramáticas do melodrama romântico e da ficção científica. Espécie de seqüência de "Amor à flor da pele", o filme se tornou o primeiro filme cult do ano no país.

VOLVER: No Festival de Cannes, esperava-se que esta história sobre os vínculos afetivos de cinco mulheres rendesse a Pedro Almodóvar a Palma de Ouro com que ele há anos

Menu

Pesquisar

Nova busca

Atualizar

Ativar atualização automática

Métodos

Adicionar à coleção

Baixar arquivo

Criar coleção

Enviar arquivo por e-mail

Enviar por e-mail

Imprimir em PDF

Localizar documentos similares

Número total

Todos os resultados na coleção.

Visualizar arquivo

Coleções

Caio

Exibir coleção

Página 1 de 31 > >>



sonha. Mas ele teve de se contentar só com um prêmio de roteiro. E com a certeza de ter feito um de seus dramas mais sólidos.

MATCH POINT: Ao lançar este drama sobre cobiça e falta de caráter, com foco no alpinismo social, Woody Allen anunciou: "Este é o meu melhor filme!" A boa resposta de público para a trama sobre um professor de tênis que chega à alta sociedade inglesa mostra que o veterano cineasta ainda mobiliza platéias.

ESTAMIRA: Há quem considere as declarações de Dona **Estamira**, catadora do lixão Jardim Gramacho, pérolas filosóficas. Outros as consideram puro **delírio** de uma subjetividade fraturada pela **histeria**. Indiferente a essa contradição, Marcos Prado a documentou em um filme provocador. Na forma e no conteúdo.

BOA NOITE, E BOA SORTE: Quem acreditava que o talento na direção demonstrado por George Clooney em "Confissões de uma mente perigosa" foi apenas um acerto de principiante teve de mudar seus conceitos diante deste mergulho nos bastidores do telejornalismo na América macarthista.

EU ME LEMBRO: Edgard Navarro quase quebrou a perna no fim do Festival de Brasília de 2005 comemorando os sete Candangos conquistados por este "Amarcord" baiano. A partir de suas memórias, ele viaja pela história da geração que foi criança nos anos 50 e curtiu a juventude no desbunde da década de 70.

CRIME DELICADO: Longe dos enredos sobre violência que o fizeram a maior promessa de renovação estética do audiovisual brasileiro desde a Retomada, Beto Brant aproveitou o livro "Um crime delicado", de Sérgio Sant'Anna, para versar sobre os limites éticos de um crítico e de um artista.

O NOVO MUNDO: Famoso por sua atitude arisca com a mídia, sua reclusão voluntária e, acima de tudo, pelo esmero visual de seus filmes, Terrence Malick (de "Além da linha vermelha") recria com um lirismo singular a conquista da América a partir da história de amor de um colonizador por uma nativa.

OS FILMES foram escolhidos por Bruno Porto, Carlos Alberto Mattos, Cora Rónai, Eros Ramos de Almeida, Marcelo Janot, Rodrigo Fonseca, Roni Filgueiras, Ruy Gardnier e Tom Leão

Identidade: OS melhores de 2006

País:

Região:

Cidade:

Local:

Assunto:

Palavra-chave: Crítica, Cinema, Filme, Longa-Metragem, Cronologia, Ano

Termo candidato:

0 visualizações

Documentos associados:



Digital Collections